



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE BACHAREL EM SERVIÇO SOCIAL

ELIZABETH KUZEIDI DE BRITO XERENTE

**DESAFIOS DOS ACADÊMICOS ÍNDIGENAS XERENTE PERMEADOS PELA
TECNOLOGIA EM ALDEIAS**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2024

Elizabeth Kuzeidi de Brito Xerente

Desafios dos acadêmicos indígenas Xerente permeados pela tecnologia em aldeias

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Profa. Dra. Rosemary Negreiros de Araújo.

Miracema do Tocantins, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- X6d Xerente, Elizabeth Kuzeidi de Brito.
Desafios dos acadêmicos indígenas Xerente permeados pela tecnologia em aldeias. / Elizabeth Kuzeidi de Brito Xerente. – Miracema, TO, 2024.
51 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Serviço Social, 2024.
Orientadora : Rosemary Negreiros de Araújo
1. Tecnologia. 2. Povo Xerente. 3. Assistência social. 4. Pandemia. I. Título
- CDD 360**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELIZABETH KUZEIDI DE BRITO XERENTE

DESAFIOS DOS ACADÊMICOS INDÍGENAS XERENTE PERMEADOS PELA
TECNOLOGIA EM ALDEIAS

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Serviço Social foi avaliado para a obtenção do título de bacharel e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rosemary Negreiros de Araújo, Orientadora (UFT).

Profa Dra. Ingrid Karla da Nóbrega Beserra (UFT)

Prof. Mestre. Sinval Waikazate de Brito Xerente – SEDUC/TO

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento. E nesse momento trazemos um saber presente na cultura popular, na qual se cultiva o hábito de agradecer pelos momentos bons e também difíceis.

Ao final desse ciclo, gostaria de agradecer, de modo especial, ao Deus da vida, que me possibilitou passar por essa experiência acadêmica, a qual, enquanto filha de uma dona de casa e de um trabalhador rural, e estudante da escola pública, parecia ser difícil chegar tão longe. Um sonho que se torna realidade, a primeira da família a alcançar o título em uma universidade pública do estado do Tocantins de Miracema.

Gratidão a todos aqueles e aquelas que contribuíram com esse processo de modo direto e indireto.

Ao meu querido pai Sandoval de Brito Xerente o qual sempre vibrou com minhas conquistas, minha querida mãe, Lourdes da Silva Gomes Xerente, que sempre me ensinou e incentivou nos estudos, A minha querida orientadora, Professora Rosemeiry Negreiro de Araújo, um ser humano de luz, o qual foi de fundamental importância nessa caminhada.

Ao meu esposo e companheiro em todos os momentos, Osmar Nroremekwa Xerente pela confiança depositado em me, em momento algum descreditou da minha capacidade de poder lutar pelo nosso futuro e pelo futuro do nosso filho David Sirnawe Xerente, que teve a paciência de poder me ajudar em tudo que era necessário, obrigado meu amor pelo carinho, pela confiança, e pelos incentivos.

Aos meus queridos professores da banca, Profa. Dra. Rosemary Negreiros de Araújo, Profa Dra. Ingrid Karla da Nóbrega Beserra, Profº Dr Sinval Waikazate de Brito Xerente porque, em distintos momentos, me presentearam com suas provocações e apontamentos, tentei atendê-los ao máximo e nesse processo preciso dizer o quanto aprendi.

Aos meus professores nos anos iniciais, Adriano Romkre Xerente, Prof. Francisca Gonçalves, Prof. Claudinéia Ferreira de Carvalho, gratidão pelos aprendizados que obtive com cada um de vocês; e ao meu Povo Xerente sem os quais não seria possível realizar essa pesquisa.

Ao meu irmão Silvino Dakukreikwa de Brito Xerente (in memoria) que acreditou e torceu para o meu sucesso, sei que de onde ele estiver ele está contente com finalização do meu trabalho de TCC, eu sempre levarei comigo as lembranças e o carinho que teve comigo durante a sua existência, e aos demais Janio Sawrepte de Brito Xerente, Jacira Sekwahidi de Brito Xerente, Jacirene Wakedi de Brito Xerente, Shirlene Sikwaktadi de Brito Xerente e Rai

Suzawre de Brito Xerente o meu muito obrigado a cada um de vocês pelo carinho, pelo apoio e incentivos não foi fácil chegar aqui mais cheguei.

Por fim agradecer a minha colega de estudo Vanda Sibakadi Xerente, uma pessoa que Deus colocou no meu caminho, sempre me apoiou, me aconselhou durante as nossas idas e vindas no caminho da UFT, muito obrigada Vanda Sibakadi Xerente, pelo apoio, pela ajuda e pela motivação. Quando precisei sempre se colocou à disposição em me ajudar para não desistir do curso, faz parte da minha trajetória, juntos enfrentamos muitos desafios e hoje através do seu apoio estou aqui fazendo a conclusão de poder pegar a tão sonhada diploma, obrigada por tudo.

Enfim, agradeço a todos os meus parentes e amigos que contribuíram ao longo da minha graduação direta ou indiretamente, acredito sozinha não teria conseguido mais o apoio e a vibração de vocês fez com que eu chegasse até aqui, meu muito obrigado a todos.

Dedico esse trabalho a Minha Família.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda como os estudantes indígenas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Miracema, vivenciaram a universidade durante a pandemia de Covid-19. Para tal, busco compreender a trajetória de vida desses estudantes até o ingresso na UFT, focando no contexto da pandemia, especificamente nos obstáculos encontrados, frente à adoção de tecnologias diferentes para o acesso às aulas e outras atividades, considerando o isolamento social. Através de pesquisa qualitativa, a reflexão que se apresenta neste trabalho foi elaborada a partir de revisão bibliográfica, abordando informações de pesquisas relevantes o estudioso deve construir seu arquivo pessoal. Os resultados indicaram que os estudantes indígenas enfrentaram dificuldades significativas, como a falta de acesso adequado à internet e a dispositivos tecnológicos, o que prejudicou sua participação efetiva nas atividades acadêmicas. Além disso, evidenciaram que, a universidade não estava preparada para o cenário de emergência. Apesar disso, mesmo com esses desafios, os discentes buscaram alternativas para continuar seus estudos, como o uso de espaços comunitários e o compartilhamento de recursos tecnológicos entre colegas. Espera-se que este estudo possa trazer contribuições para futuras discussões sobre as políticas de inclusão digital e apoio estudantil, visando a uma universidade mais inclusiva e equitativa para estudantes indígenas.

Palavras-chaves: Emergência em Saúde Pública. Pandemia da Covid-19. Ensino Superior. Tecnologias. Povos Indígenas. Assistência Estudantil.

ABSTRACT

This undergraduate thesis addresses how indigenous students from the Federal University of Tocantins (UFT), Miracema Campus, experienced university life during the Covid-19 pandemic. It aims to understand these students' life trajectories up to their admission to UFT, focusing on the pandemic context, particularly the obstacles encountered with the adoption of different technologies for accessing classes and other activities, considering social isolation. Through qualitative research, the reflection presented in this study was developed based on a bibliographic review, incorporating relevant research information. The results indicated that indigenous students faced significant challenges, such as inadequate access to the internet and technological devices, which hindered their effective participation in academic activities. Additionally, they revealed that the university was not prepared for the emergency scenario. Despite these challenges, students sought alternatives to continue their studies, such as using community spaces and sharing technological resources with peers. It is hoped that this study may contribute to future discussions on digital inclusion policies and student support, aiming for a more inclusive and equitable university for indigenous students.

Key-words: Public Health Emergency. Covid-19 Pandemic. Higher Education. Technologies. Indigenous Peoples. Student Support.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Card. anunciando ações da UFT durante a pandemia.....	15
Figura 2 - Vidas indígenas importam	18

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relações de Aldeias na Terra Indígena Xerente	28
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGCom	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A COVID-19 E OS EFEITOS NA EDUCAÇÃO: RELATOS DAS VIVÊNCIAS DOS ALUNOS INDÍGENAS DA UFT.....	23
2.1	O Povo Xerente e as Histórias que cresci ouvindo.....	26
2.2	Xerentes da Atualidade 2023-2024.....	28
2.3	Organização Social.....	32
2.4	Tecnologia de Rádio Amador.....	34
3	O UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS, TERRITÓRIO E O ANDAMENTO DOS CURSOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID 19.....	40
3.1	Abordagens de indígenas de diferentes povos e universidade.....	40
3.2	Os Universitários Xerente, Território, cultura e educação durante a Pandemia	43
3.2.1	Como nos comportar diante desse desconhecido invisível? o vírus coronavírus.	45
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa compreender como os estudantes indígenas Akwẽ-Xerente do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Câmpus de Miracema, vivenciaram/viveram a universidade durante a pandemia de Covid-19¹. Para tal busco compreender a trajetória de vida desses estudantes até o ingresso na UFT, focando no contexto da pandemia, especificamente nos obstáculos encontrados, frente à adoção de tecnologias diferentes para o acesso às aulas e outras atividades, considerando o isolamento social.

As discussões sobre a Educação Superior Indígena vêm tomando espaços cada vez maiores, trazendo pautas sobre as particularidades culturais, educacionais, linguísticas, particularidades sobre a saúde indígena, sobre as organizações sociais e os enfrentamentos. Em se tratando da educação, da saúde e dos enfrentamentos, um dos principais destaques é a Covid-19 e a situação pandêmica decorrente desse vírus que atingiu o Brasil no ano de 2020, e permaneceu ainda em 2023-2024 com casos reduzidos e diferenciados vindo de uma forma mais leve, graças às vacinas, mas também comprometendo o campo da educação, tendo em vista a suspensão das aulas e a adesão ao meio digital como forma de continuação das atividades escolares e acadêmicas.

O caminho que escolhi para chegar aos estudantes de Serviço Social foi por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando uma combinação de pesquisa bibliográfica, através de relatos de vida e observações, como proposto MINAYO (1994). A escolha desse enfoque visa proporcionar uma compreensão profunda das experiências e desafios enfrentados pelos estudantes indígenas Xerente do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins de Miracema (UFT), durante a pandemia de Covid-19, assim como das práticas e adaptações tecnológicas na comunidade Xerente.

O trabalho foi realizado com base em entrevistas conduzidas com estudantes indígenas do povo Akwẽ-Xerente, matriculados no curso de Serviço Social da Universidade Federal do

¹ A pandemia da Covid-19 refere-se à crise global de saúde causada pela disseminação do coronavírus SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez em Wuhan, China, no final de 2019. Esta pandemia foi caracterizada pela rápida propagação do vírus, levando a milhões de infecções e mortes em todo o mundo. A Covid-19 impactou profundamente a vida social, econômica e política global, com medidas de distanciamento social, uso de máscaras, quarentenas e o desenvolvimento de vacinas como principais estratégias de mitigação. Além das consequências diretas na saúde, a pandemia também expôs desigualdades estruturais, como a falta de acesso a serviços de saúde, educação e tecnologia, especialmente em grupos vulneráveis, como populações indígenas e minorias sociais (OMS, 2020).

Tocantins (UFT), Câmpus de Miracema. Por meio dessas entrevistas, buscou-se compreender as experiências e os desafios enfrentados por esses estudantes durante a pandemia de Covid-19, especialmente em relação à adaptação ao ensino remoto e às dificuldades tecnológicas impostas pelo contexto de isolamento social. As entrevistas permitiram capturar a perspectiva e a vivência dos próprios alunos, proporcionando uma análise aprofundada sobre as barreiras socioeconômicas e culturais que impactaram a continuidade de seus estudos nesse período desafiador.

Percorrer a minha trajetória de vida, a partir dos vários desafios enfrentados por mim, serviu para que eu conseguisse ver e compreender com mais sensibilidade as trajetórias dos demais colegas aos quais estudei. Nesse sentido, foco desde antes de meu ingresso na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Miracema, em seguida abordo durante meu percurso de formação acadêmica na instituição mencionada.

Ainda na infância durante o Ensino Fundamental, estudando em uma escola pública é precária, enfrentei dificuldades em relação ao processo ensino-aprendizagem, aos métodos de ensino do professor que, em uma certa ocasião recomendou que eu fosse retirada da escola, que ficasse sem estudar. Hoje, avaliando tal acontecido, acredito que foi o melhor caminho para minha educação escolar, pois meus pais, preocupados com meu aprendizado, me matricularam nos anos iniciais de uma escola pública em Tocantínia, para que eu aprendesse a ler e escrever, algo que eu ainda não sabia aos onze anos de idade.

Estudei na Escola Estadual Antônio Benvindo da Luz por três anos seguidos. Hoje é uma Escola Municipal de Tempo Integral. Na época havia um programa chamado “Se Liga Brasil”, cujo objetivo consistia em auxiliar e aprimorar o desenvolvimento dos alunos na leitura e escrita, ou seja, se bem-sucedido/a, o/a aluno/a cursaria duas séries em apenas um ano. Ao longo dessa caminhada, para não me atrasar em meus estudos, cursei o Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 2015.

Foi um período bastante desafiador. Quando chovia muito a água da chuva invadia as salas de aula, chegando às nossas carteiras, e nossos pés ficavam sujos de lama. Devido às fortes enxurradas, às vezes o professor interrompia a aula, pensando no bem-estar dos alunos, uma vez que a escola era feita de madeira com a palha de piaçaba e cercada com tabocas. Porém, a vontade de estudar e de aprender falava mais alto do que os problemas e desafios enfrentados durante o trajeto escolar.

Eram vários os fatores que contribuíram para dificultar a permanência dos discentes na escola, um deles o transporte escolar, que muitas vezes nos deixou no meio do caminho, sendo necessário os familiares nos socorrerem até mesmo na madrugada. Assim, com esses e

outros enfrentamentos, concluí o ensino médio e fiquei dois anos sem estudar, nesse período me casei e recém-casada resolvi retornar aos estudos. Em 2017 fiz a inscrição do Exame Nacional de Ensino Médio – Enem. No mesmo semestre abriram as inscrições para concorrer a vagas nos cursos de Pedagogia, Serviço Social, Psicologia e Educação Física na UFT de Miracema.

Fiquei uns dias pensando sobre qual curso escolheria e no último dia de inscrição optei para fazer a inscrição no curso de Serviço Social, conquistando uma vaga no referido curso. A vaga garantida me fez refletir sobre todos os desafios enfrentados no passado, durante o ensino fundamental e ensino médio, e que fui vencedora.

Ingressei na UFT Câmpus de Miracema Warã [1], com um desafio imenso, uma vez que não havia casa na cidade onde eu pudesse ficar, e por falta de informação havia perdido a inscrição da Bolsa Permanência, tive que esperar reabrir as inscrições no segundo semestre, só receberia no final do ano. Diante de toda situação, para não desistir do curso, arrisquei-me novamente a ficar vindo da aldeia, situada a 19 km de Tocantínia, e de Tocantínia à UFT de Miracema, que são mais 5 km, totalizando 24 km.

Sem condições financeiras para abastecer a moto, ou colocá-la na oficina quando necessário para meus deslocamentos até a UFT, recorri às caronas do transporte escolar estadual, saindo 5 horas da manhã da estrada que liga de Tocantínia ao município de Pedro Afonso e Rio Sono, chegando em Tocantínia 7:15 horas, correndo o risco de nem sempre ter esse transporte.

A Aldeia Montes Belos – Aldeia Srãpre, que é minha aldeia, fica localizada a 19 km de Tocantínia, ela fica no sentido dos dois municípios, Pedro Afonso e Rio Sono, com distância de 2 km da TO-010. Meu trajeto era realizado da seguinte forma: Acordar 4:30 da manhã, e pegar o caminho para a estrada onde passa o ônibus com lanterna na mão iluminando os passos. Os meus irmãos que na época estudavam no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã – CEMIX Warã, usavam o mesmo transporte que eu, porém seguiam um destino diferente.

Chegando na cidade pegava a bicicleta que ficava na casa do meu irmão mais velho, e em seguida seguia rumo à UFT, no meio do caminho, atravessava o rio Tocantins na balsa que faz a travessia de Tocantínia e Miracema do Tocantins. A espera pela balsa dificultava ainda mais o meu trajeto, chegando à UFT muitas vezes atrasada.

A volta era uma corrida contra o tempo, pois tinha que sair da UFT às pressas para não perder o ônibus que conduzia os alunos de volta às aldeias, não sendo possível me alimentar da forma certa, assim almoçando por volta das 14:00 horas, já que o coletivo percorria por

várias aldeias até chegar ao meu destino, na aldeia Montes Belos Srãpre.

Quando tinha condições de abastecer, realizava o percurso de moto, e diante dessas idas e vindas, muitas vezes na volta para casa no meio do caminho o pneu da moto furava, e por várias vezes cheguei em casa a pé empurrando a moto com o meu marido.

Diante de tantas dificuldades cheguei a um estágio de estresse, fiquei abalada emocionalmente, houve um dia que entrei em prantos, pois não havia mais forças para lutar e continuar estudando, a vontade de querer estudar estava se enterrando naquele momento, pois não via mais soluções.

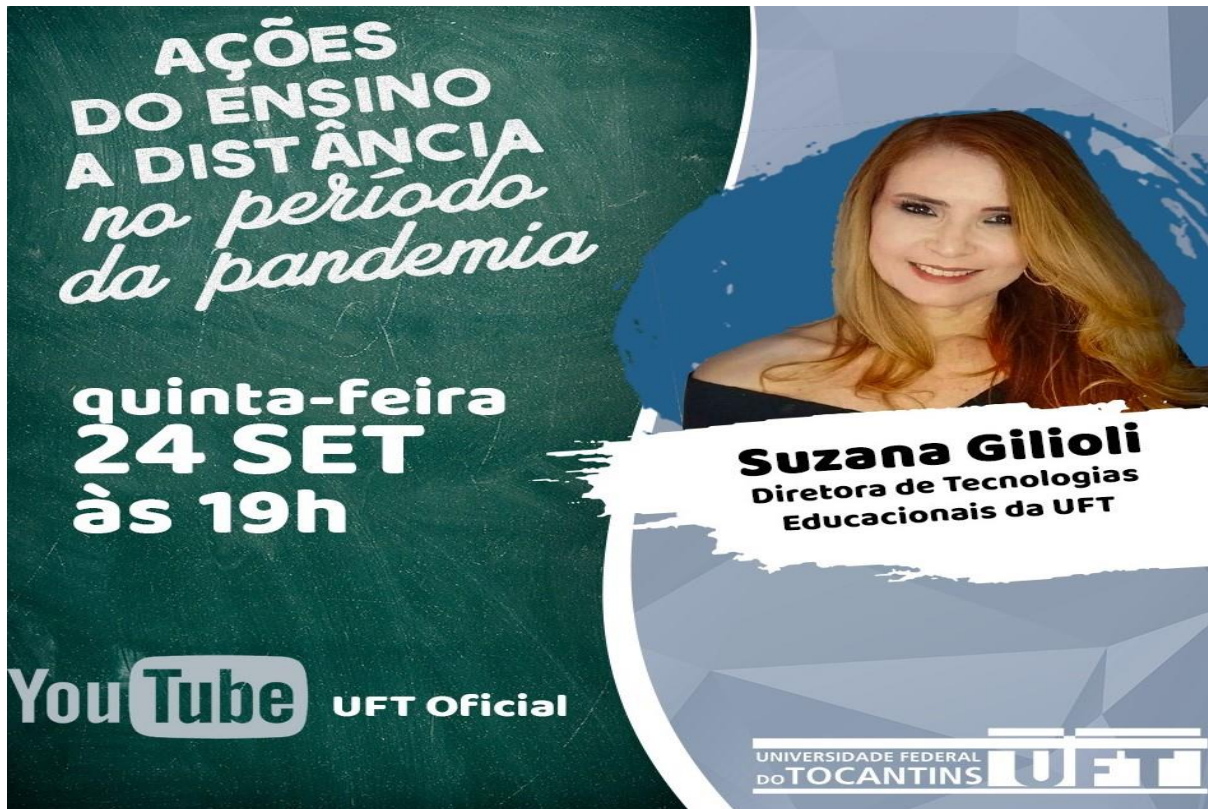
Foi então que desabafando com os meus pais sobre todos os desafios, eles decidiram ceder a casa que eles têm na cidade, para que eu continuasse o meu curso.

Enfrentamentos durante a pandemia:

Em 2020, próximo da reta final do curso, fomos impactadas com a pandemia da Covid-19 que atingiu, em diversos aspectos, a comunidade acadêmica em geral, mas de forma mais forte aos alunos indígenas que não tinham as ferramentas necessárias para o acompanhamento de aulas remotas. Foi nesse período que engravidei pela primeira vez e o desafio de minha primeira gestação não foi fácil, incluindo os estudos acadêmicos, tornaram-se mais complicados ainda.

Tudo mudou em nossas vidas de estudantes, mudou no contexto da UFT, na forma como professores/as trabalham, professores e alunos sempre foram acostumados ao ensino presencial, habituados a se reunir com os demais colegas para o estudo em sala de aula diariamente, e de repente as aulas, as orientações, tudo que envolvia a universidade passou a ser pelo modo remoto, algo que nunca tínhamos ouvido falar, acho que nem mesmo nossos professores conheciam essa nova forma de interagir conosco. A UFT parou para nós alunos por alguns meses, e quanto a nós indígenas, nos sentíamos perdidos, pois estávamos distantes de tudo, a maioria sem acesso à internet, tínhamos informações que os professores, coordenadores, diretores, pró-reitores estavam em reuniões, em debates, em eventos, realizados através do modo remoto:

Figura 1 - Card. anunciando ações da UFT durante a pandemia



Fonte: Página Oficial UFT.

Após um período de dois a três meses é que o corpo docente se uniu para propor estratégias em relação à decisão de iniciarem ou não as aulas pelo modo remoto. Não sabíamos quanto tempo duraria a pandemia, por esse motivo ficou decidido pelas aulas no modo remoto, que a princípio pensávamos que fosse o mesmo que à distância e até isso foi esclarecido aos alunos, tivemos que aprender a diferença entre ensino presencial, ensino remoto e ensino híbrido, dentre outras coisas que não faziam parte de nossas vidas cotidianas de estudantes universitárias/os indígenas.

Voltamos para as etapas desafiadoras, pois mesmo estando no conforto de nossas casas em Tocantínia ou em nossas aldeias, não tínhamos uma boa internet. Em casa nós tínhamos somente um aparelho de celular e um notebook para assistirmos às aulas, meu esposo também fazia o curso de Pedagogia no Câmpus de Palmas. Eu usava os equipamentos em minhas aulas, que eram matutinas e ele no noturno.

Não foi fácil a adaptação com os equipamentos tecnológicos. Primeiro tivemos que aprender a usá-los, para que conseguíssemos assistir às aulas, ler textos, postar atividades. Por termos apenas um celular e um computador disponíveis para os dois, havia choque de horários. A falta de estrutura tecnológica desestimulou meu companheiro e resultou em sua

desistência do curso. Ele estava abalado emocionalmente, não conseguiu se adaptar no uso dos equipamentos do google sala de aula, pois as atividades tinham de ser postadas semanalmente.

Mesmo diante de tantas dificuldades durante o período de pandemia, resolvi seguir em frente nos meus estudos, mas não obtive muito sucesso nas disciplinas, devido às dificuldades com a plataforma. Era muito complicado para principiantes, uma de minhas grandes dificuldades era colocar os trabalhos em dia no *google classroom*.

E assim como eu, muitos outros alunos foram prejudicados devido ao fato de não terem condições financeiras para compra dos equipamentos compatíveis com as exigências do momento, por falta de conhecimento de como utilizar as plataformas disponibilizadas pela universidade, como os grupos de *WhatsApp*, *Google Meet*, a *plataforma classroom*, onde todas as atividades eram postas para os alunos.

Nem todos tiveram a capacidade de dominar os aplicativos, e assim tendo como equipamento para estudantes somente um aparelho celular, como não havia aulas presenciais conforme estávamos acostumadas/os, os trabalhos tinham que ser feitos e enviados nessas plataformas ou encaminhado nos e-mails dos professores das disciplinas. Isso inviabilizou a vida acadêmica de uma grande parte dos estudantes indígenas, principalmente os Xerente.

Importante salientar que foi criado o auxílio para compra de notebook no valor de mil e duzentos reais e o auxílio de internet no valor de oitenta reais, porém os valores fornecidos não eram suficientes para comprar o notebook, e utilizar a internet, pois os contratos realizados com a empresa de fornecimento de internet rural eram de valores superiores. A Universidade ainda forneceu chips de celular com os pacotes de internet, alguns receberam e outros não, pois não adiantava pegar os chips, visto que não havia sinal da operadora nas aldeias para usar os dados móveis, os que moravam na cidade eram beneficiados, mas quem morava na aldeia não tinha como usar, pois não tinha como conectar à rede de internet.

Em 2020 período que se iniciou a pandemia. Nesse momento, colocamos a internet na aldeia Montes Belos, pois vimos que éramos obrigados a instalar, porque precisávamos estar conectados para recebermos as informações imediatas e concretas, principalmente da universidade, pois tínhamos que recolher informações de como ia funcionar as aulas no período pandêmico. Assim como a comunidade da aldeia montes belos alguns outros familiares se reuniram para ajudar os acadêmicos a instalarem a internet rural, contribuindo assim com a comunicação entre os próprios indígenas até mesmo para cumprir com o isolamento social que foi decretado pelo Ministério da Saúde.

Nesse sentido, os aparelhos tecnológicos nas aldeias, foram fundamentais para que a

comunidade indígena Xerente cumprisse o decreto, mantendo o distanciamento social. Sendo assim, esses equipamentos, através da veiculação de informações educativas, relativas ao vírus, contribuíram para o combate à contaminação das pessoas. Ainda que a conexão com os meios virtuais trouxesse pontos positivos, os entraves relacionados à qualidade dos sinais de internet, às dificuldades de conduzir as plataformas faziam com que alguns alunos se frustrassem e desistissem dos acessos, tornando o ensino remoto, ao mesmo tempo que uma solução para o período pandêmico, um obstáculo para alunos que não tinham acesso e domínio dos meios digitais.

Considero a pandemia como um marco de mudanças no meio de nossa comunidade indígena Akwê-Xerente, pois fomos obrigados a nos adaptar com a nova realidade, realidade imposta pela pandemia, que foi o uso dos aparelhos de tecnologia de celular, Internet e notebook. Os idosos, para manterem-se informados utilizavam os meios de informação, principalmente a televisão, diariamente. A TV foi fundamental, pois a comunidade xerente acompanhava as notícias regional e nacional através da TV, servindo aí como meio de distração das comunidades, para até manter o distanciamento social, mas também deixou seu grande impacto na cultura, pois a partir do momento que a tecnologia chegou nas aldeias as comunidades indígenas deixou de praticar seus costumes, como a festa cultural, trabalho na roça de toco, a linguagens Akwe foi se modificando, deixando de falar mais em Akwe e passando a utilizar mais a língua portuguesa.

Anciões e anciãs já vêm a TV como um meio transmissor de notícias do Brasil e até de fora dele. Muitos passaram a apreciar conhecer, mesmo que pela televisão “as coisas dos brancos”, as mulheres mais velhas costumam dizer que começaram a entender um pouco a fala dos brancos, a fala dos ktawanõ, como são chamados os não indígenas.

Na atualidade, vemos como a comunidade xerente avançou, porque vemos que em todas as aldeias têm o aparelho tecnológicos, principalmente o aparelho de celular, TV e internet:

É ruim sem celular e internet na aldeia porque a gente não fica atualizado com as informações que roda nas aldeias ou nas cidades. (Eva Sikupti Xerente 12/06/2023)

Durante a pandemia do coronavírus em 2020 foi implantada a rede de internet rural na aldeia Montes Belos Srãpre, no qual acentuou mais ainda o uso regular dos aparelhos de celular e internet, tornando-os praticamente indispensáveis nas aldeias especificamente na minha aldeia, período que foram obrigados a instalar a rede de internet para acompanhar as aulas remotas, a partir de então influenciámos a comunidade da aldeia a ter acesso ao mesmo,

proporcionando uma busca de conhecimento diferenciados das comunidades xerente, passando a utilizar as plataformas de celular como google Meet, WhatsApp, facebook, tornando o meio de comunicação fácil e mais prática, na utilização da ligação direto ou áudios ou mensagem de texto.

Observando a vida em minha aldeia, a forma como as pessoas reagem, foi possível perceber o quanto a tecnologia, tanto do celular como a internet passaram a ser importantes, como meios de comunicação durante o isolamento da pandemia, trazendo as notícias do mundo externo, e ainda outras opções como vídeos, filmes, jornais, jogos, dentre outros.

As indígenas passaram a valorizar mais o mundo da tecnologia, percebendo sua importância para as famílias, os esposos que ficam em Tocantínia porque estudam em Miracema na UFT, filhas que estudam em Araguaína, que é situada a mais de 300 km de distância, há um caso de uma jovem Xerente que reside em Araguaína, para ser jogadora de futebol, a comunicação por meio de celular facilita muito para que os pais fiquem menos preocupados.

Também o seu esposo Edevaldo Sina Xerente, salienta que a tecnologia traz facilidade de modernização, de inteirar sobre os assuntos que vem de fora, pois facilita a comunicação. Hoje, ficar sem internet é como ficar no escuro, sem comunicação, sem saber de nada do mundo externo. (Edevaldo 05/07/2023).

É notório que durante o enfrentamento da pandemia a comunidade indígenas xerente se adaptou com o uso das ferramentas digitais, através dos depoimentos é possível compreender a importância das ferramentas digitais dentro do território xerente.

Figura 2 - Vidas indígenas importam



Fonte: Giovanna Bronze, José Brito e Luiz Fernando Toledo, da CNN, em São Paulo 20/05/2020 às 18:23

Após a covid-19

A pandemia do Covid-19 acarretou um grande impacto para os povos indígenas, e com o nosso povo. Com isso houve uma grande preocupação por parte da comunidade indígena. Nesse período, nossa comunidade indígena se deu conta de que a tecnologia causou um grande impacto cultural ao nosso povo Akwê-Xerente.

A partir de observações que realizei durante a pandemia, pude perceber que na comunidade em geral, mas em específico os adolescentes e as crianças, se adentraram cada vez mais no uso da tecnologia de forma bastante intensiva, dando menor importância aos aspectos da cultura xerente, como a organização social, os costumes, a tradição, os modos de vida em geral, foram deixados de lado, e priorizado o que a tecnologia celular e internet, podem proporcionar, como entretenimento naquele momento.

Diante disso os responsáveis nas famílias, como as mães, os pais, avós e avôs, se viram preocupados com a situação, entenderam que o uso constante dos aparelhos estava causando até mesmo transtorno da parte dos adolescentes quando são obrigados a ficarem sem os equipamentos, pois quando estes não utilizavam os equipamentos, os adolescentes ficavam bravos, estressados, e não queriam ajudar nas tarefas em casa, tornando-se na expressão dos idosos (wakaktab) mais preguiçosos.

Visto que, para os idosos é um problema sério a ser enfrentado após a pandemia, como a comunidade das aldeias era acostumada sem o uso da tecnologia diariamente, era mais fácil conviver e dá aos filhos uma educação baseada na tradição, os adolescentes e as crianças viviam em liberdade, aproveitando e vivendo cada fase para brincar de acordo com a idade, brincar no (Wairī) pátio, banhar nos rios, passear nas casas da tia do tio, e maior tempo na casa dos avós aprimorando o conhecimento da cultura dos costumes e dos modos de vida em geral:

A Wairī se refere ao campo da aldeia, um local onde existe espaço para as crianças se divertirem, brincar, correr, e onde acontece a festa cultural, as danças culturais.

Após a pandemia pude perceber que as formas de vida das crianças e dos adolescentes modificaram, as atividades que desenvolviam tornaram-se limitadas, ou seja perderam o ânimo para as brincadeiras, as visitas aos avós para ouvirem histórias, as conversas com amigos na aldeia, pois eram atividades bem comuns grupos de crianças e adolescentes brincando ao ar livre, correndo. Agora passam o maior tempo concentrados olhando o celular, enquanto os adolescentes conversando nas redes sociais, dificultando a convivências no

âmbito familiar, onde os idosos questionam que a juventude está perdida com os aparelhos, pois aprendem coisas que não deve e acaba desprezando suas formas de organização social e sua cultura e seus costumes, priorizando o uso do aparelho tecnológico, como celular e internet.

Considerando todos os problemas é notório que não é possível voltar ao normal como antes da pandemia, sem alternativas os adultos não estão sabendo como lidar com a situação para que as crianças e adolescente voltem a dar importância às coisas da tradição, da cultura indígena Akwê-Xerente.

Considerando todos os problemas impostos pela pandemia é notório que, o distanciamento das famílias cresceu fortemente, causando um impacto cultural, pois antes do vírus as famílias se reuniam debaixo dos pés de manga para conversar, distrair e as crianças ficavam ali ao redor de sua mãe, brincando com outras crianças. Com a chegada das ferramentas digitais nas aldeias, como celular internet, notebook vindos resultantes das necessidades da pandemia, limitou-se mais as visitas na aldeias próximas, pois as comunidades, passam maior tempo vendo ou assistindo, filmes, músicas, ou até mesmo desenho para crianças, isso faz com que a visita na casa de amigos ou parentes fique esquecida.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia impactou a cultura, trouxe benefícios para as comunidades, que são as facilidades de se comunicar dentro do Território Xerente e no mundo externo, trazendo o meio de comunicação imediato. Diante da realidade vivida na aldeia, e através das observações realizadas dentro do território Xerente é notório que em todas as aldeias os aparelhos tecnológicos estão sendo utilizados instantaneamente, bem como TV, celular e internet, fatos esses que é presenciado, quando não há sinal de internet as pessoas fica procurando as casas que tem internet para navegar, ficando perceptível um vício tecnológico em crescimento.

Diante disso realizamos a pesquisa sobre a internet nas comunidades indígenas e constatamos que o governador do estado do Tocantins foi o primeiro governador a levar acesso gratuito à internet para comunidades indígenas do Tocantins. Conforme a pesquisa realizadas o governador Wanderlei Barbosa esteve na aldeia do povo Krahô, Manoel Alves, em Itacajá, lançando dois programas de atenção voltada a estes povos: O *TÔ NA NET*, que leva internet gratuita à comunidade, e a *Rede de Acesso à Justiça para Povos Originários e Tradicionais (Rejusto)*.

Nesta pesquisa destaca-se que Wanderlei Barbosa se torna o primeiro governador em exercício a fazer essa visita e a implementar o acesso à internet a uma comunidade indígena

tocantinense. Diante dessas informações é relevante apresentar que as comunidades indígenas Xerente não foram contemplados, na qual as famílias buscaram por conta própria instalar a rede de internet em suas casas sendo obrigados a pagar parcela absurdas, por não serem contemplados com o programa *TÔ NA NET*, destacando que as comunidades Indígenas Xerente não têm conhecimento desse programa, e não sabem onde recorrer para que sejam beneficiados pelos programas do governo.

Acesso para todos sim! Mas não se deve entender por isso um acesso ao equipamento, a simples conexão técnica que, em pouco tempo, estará de toda forma muito barata (...) Devemos antes entender um acesso de todos os processos de inteligência coletiva, quer dizer, ao ciberespaço como sistema aberto de auto cartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no 'virtual', nem a que um deles 'imite' o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro (LÉVY, 1999, p.196).

Conforme a realidade vivenciada na aldeia, é preciso sim que a famílias sejam incluídas nos programas e no meio digital, com intuito de registrar os momentos históricos dentro do território Xerente, não só os Xerente mais também outros povos indígenas que convivem dentro do estado do Tocantins, precisam manter-se conectados ao mundo digital, diante disso destacamos que, “A inclusão digital é vista por muitos como um importante meio de integração das classes menos favorecidas, sendo um fator de auxílio para a inclusão social das mesmas”. (Costa, L. 2004, p. 5).

Importante destacar que, nas aldeias onde as pesquisas foram realizadas não foram beneficiadas, não receberam qualquer tipo de benefício, sendo as aldeias pequenas, como a minha, aldeia Montes Belos Srãpre e a aldeia Boa Esperanças Ssuirehu, não foram contempladas.

2 A COVID-19 E OS EFEITOS NA EDUCAÇÃO: RELATOS DAS VIVÊNCIAS DOS ALUNOS INDÍGENAS DA UFT

Até o período 2019/2, a UFT funcionava normalmente, com as aulas presenciais, palestras, reuniões, eventos que contavam com os jogos indígenas apresentação cultural dos acadêmicos dentro da unidade, período que ainda tínhamos aulas presenciais, onde estava se caminhando para a reta final dos meus estudos, tivemos uma grande interferência, com a “chegada” da pandemia da Covid-19.

Sendo assim, em 2020 não foi possível as aulas iniciarem presencialmente no mês de março, conforme o calendário acadêmico previsto (dia 5 a 8 de março de 2020/1), houve uma interrupção devido a pandemia da Covid-19[2] se adentrando no Brasil e no mundo, no contexto universitário via plataformas virtuais, teve início discussões relacionadas tanto aos riscos da transmissão do vírus na Universidade e em outros espaços em geral, assim como um modo de as aulas e demais atividades serem realizadas, a fim de não prejudicar os alunos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), visto que são alunos de vários estados diferentes, incluindo os acadêmicos indígenas, quilombolas e do campo.

A pandemia da Covid-19 teve um impacto significativo no setor da educação em todo o mundo. De acordo com a UNESCO, mais de 90% dos estudantes foram afetados pelo fechamento de escolas e universidades em resposta à crise. Isso resultou em uma interrupção massiva da educação presencial, levando instituições educacionais e governos a adotarem abordagens alternativas, como o ensino à distância e a aprendizagem online, para garantir a continuidade do ensino (Unesco 2020).

No entanto, é importante reconhecer que essa mudança para o ensino remoto não foi uniforme em todo o mundo. Em muitas regiões, especialmente em áreas com infraestrutura limitada de conectividade e acesso desigual à tecnologia, os desafios foram ainda maiores. Isso exacerbou as desigualdades existentes no acesso à educação e destacou a necessidade de medidas para garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprendizado, independentemente de sua situação socioeconômica ou geográfica (Unesco,2020).

Conforme mencionado as universidades, as escolas estaduais e municipais tiveram que criar estratégias para não prejudicar os alunos, fatos que presenciei com os acadêmicos indígenas da UFT de Miracema, e vivenciei em minha aldeia, com outros alunos da rede municipal e estadual, na qual muitos alunos foram prejudicados com a pandemia de covid-19, pois chegamos a um momento que era preciso estar isolado de tudo, fazendo com que fôssemos afetados de algum modo como por exemplo sem a rede de comunicação como a

rede de internet.

A falta de conectividade à internet e de dispositivos adequados pode ter prejudicado significativamente a capacidade dos alunos de acessar o ensino remoto durante a pandemia. Essa situação destacou ainda mais as desigualdades existentes no acesso à educação e ressaltou a necessidade urgente de abordar essas disparidades para garantir que todos os alunos, independentemente de sua origem ou localização geográfica, tenham oportunidades iguais de aprendizado.

De acordo com a UNESCO (2020), é preciso repensar o futuro, considerando uma articulação apropriada entre o Ensino à Distância - EaD e o Ensino presencial (UNESCO, 2020), considerando que muitos estudantes no Brasil não têm acesso a computadores, celulares ou à Internet de qualidade – realidade constatada pelas secretarias de Educação de Estados e municípios no atual momento. Somado a isso, foi possível observar que no contexto da pandemia, um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas materiais para ajudar os alunos a entenderem os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online, o que foi um grande desafio professores e alunos.

A UNESCO observou ainda que durante a pandemia, grande parte das escolas e das universidades fizeram o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mesmo sem tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente (Unesco, 2020).

Considerando as afirmações da UNESCO (2020), refletimos que esta transição abrupta para o ensino remoto destacou uma necessidade urgente de repensar o futuro da educação, e assim encontrar maneiras eficazes de integrar o ensino presencial e a EaD, reconhecendo que a educação híbrida, que combina elementos do ensino presencial e do ensino à distância, possibilita uma solução viável para muitos dos desafios enfrentados em contextos emergenciais como foi o da pandemia da Covid 19. Esse formato de aulas, permitiria uma certa flexibilidade para os alunos, possibilitaria o acesso aos recursos digitais quando possível, mas também manteria a interação presencial quando necessário. Importante considerar que tal modelo requer investimentos significativos em infraestrutura digital, formação de professores e desenvolvimento de conteúdo educacional adaptado às necessidades específicas dos alunos.

Fatos que realmente vivenciamos enquanto acadêmicos não fomos capacitados para aprender a lidar com as plataformas digitais, onde a comunidade acadêmica em geral se encontram com dificuldades, pois tivemos que se adaptar, se virando na medida do possível

com as situações diárias de acadêmicos, acredito que não só nós como acadêmicos indígenas e não indígenas, mas sim também os professores e gestores das Universidades, e também da educação básica, onde tiveram que se reinventar e se adaptar no uso dos aparelhos tecnológico. Visto que os obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, principalmente os alunos indígenas que se encontravam na zona rural.

Embora as ferramentas digitais possam ser úteis e enriquecedoras quando usadas de forma adequada, elas não substituem a importância de métodos de ensino bem fundamentados, interações pessoais entre alunos e professores, e uma compreensão profunda dos princípios subjacentes aos conceitos que estão sendo ensinados.

Desse modo, é essencial que os educadores integrem as ferramentas digitais de forma cuidadosa e complementar ao currículo educacional, garantindo que elas sejam utilizadas para aprimorar, e não substituir, as práticas de ensino tradicionais.

É importante salientar que os acadêmicos indígenas têm enfrentado dificuldades significativas durante este período de transição para o ensino remoto e o uso de ferramentas digitais. As barreiras enfrentadas podem incluir acesso limitado à tecnologia e à internet, falta de familiaridade com plataformas digitais, desafios linguísticos e culturais, entre outros.

Para muitos acadêmicos indígenas, especialmente aqueles que residem em áreas rurais ou remotas, o acesso à tecnologia e à internet de qualidade pode ser extremamente limitado. Isso dificulta a participação em atividades educacionais online, o acesso a recursos digitais e a comunicação com professores e colegas.

Diante desses desafios, é fundamental que as instituições educacionais e os responsáveis pela formulação de políticas reconheçam as necessidades específicas dos acadêmicos indígenas e adotem medidas para apoiar sua participação e sucesso acadêmico. Isso pode incluir o fornecimento de dispositivos e acesso à internet, o desenvolvimento de materiais educacionais culturalmente relevantes, o apoio linguístico e cultural, e a capacitação de professores para trabalhar de forma sensível e inclusiva com alunos indígenas.

É importante que todos os esforços sejam feitos para garantir que os acadêmicos indígenas tenham acesso equitativo à educação e oportunidades iguais de sucesso acadêmico, independentemente de suas origens ou circunstâncias.

Eu, particularmente, encontrei-me com bastante dificuldade, pois ainda não havia participado das aulas remotas, fazendo com que me prejudicasse mais ainda nesses períodos pandêmicos principalmente na aprendizagem pois a internet na zona rural não colaborava.

Diante da realidade vivida dentro da aldeia, abracei o desafio de resgatar o processo histórico da chegada e uso cotidiano dos aparelhos tecnológicos nas aldeias, apresentando a

importância da implementação desses aparelhos e quais os efeitos que o uso deles tem causado.

É uma temática que me fez investigar, pensar e refletir e observar o processo de desenvolvimento, que o povo xerente tem em relação no uso dos aparelhos, com objetivo de conhecer a realidade, destacando os desafios do enfrentamento no uso dos aparelhos, sem deixar de exclamar eu como estudante da Universidade Federal do Tocantins- UFT, no qual a tecnologia se adentrou na minha vida particular principalmente nos meus estudo acadêmicos, que obrigatoriamente me fez ser dependente do uso da tecnologia.

Diante da realidade social que se encontra na minha comunidade xerente, o trabalho será desenvolvida duas aldeia, sendo eles Aldeia Montes Belos, Srãpre, Aldeia Boa Esperança Ssuirehu , utilizando como metas as entrevistas realizadas pela comunidade da aldeia mas especialmente das mulheres, que foram mais afetadas, bem como as observações realizadas durante a entrevista, sendo assim utilizando os autores que trata sobre as comunidades Indígenas Xerentes bem como a História Oral e memória dos antepassados.

Percorrer a minha trajetória de vida, a partir dos vários desafios enfrentados por mim, serviu para que eu conseguisse ver e compreender com mais sensibilidade as trajetórias dos demais colegas aos quais estudei. Nesse sentido, foco desde antes de meu ingresso na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Miracema, em seguida abordo durante meu percurso de formação acadêmica na instituição mencionada.

2.1 O Povo Xerente e as Histórias que cresci ouvindo

Neste tópico apresentarei algumas histórias do povo xerente. No nosso povo, conhecemos histórias que são contadas/narradas pelos anciões ou pelas anciãs, são as bibliotecas do povo. É usual nos reunirmos em um pátio que chamamos de Warã e o ancião conta para várias pessoas, entre os Akwê-Xerente essas bibliotecas vivas, possuem autoridade e autonomia para contarem a história do povo. Durante a pandemia, ficamos reservados em nossas aldeias, foi um momento que ouvimos muitas histórias, já conhecidas por nós, fazem parte de nossa cultura. Sandoval Krãrãte de Brito Xerente, ancião de 79 anos de idade, residente da aldeia Montes Belos Srãpre situada a 19 Km da cidade de Tocantínia, é meu pai.

A história do povo Akwê-Xerente narrada por ele, diz que teve início a partir do grupo do povo Xavante que nos primórdios vivia em Mato Grosso, ambos eram um único povo, depois ocorreu a separação entre os dois e hoje são Xerente e Xavante.

Conforme a história narrada pelo ancião Sandoval Krãrãte Xerente, o povo xerente

formava um único grupo com os xavante, a trajetória de ambos os povos, marca que os indígenas eram residentes do estado do Mato Grosso, ao longo do período as comunidades indígenas estavam vindo para estado de Goiás, atualmente considerado estado do Tocantins:

Nós somos da linhagem dos xavante, não adianta a pessoa querer se esconder. Akwe andar demais, nós Akwê, nós anda demais, Akwê não tem paradeira, porque vão colocando roça e constrói uma casa perto, passa uns anos, e depois faz outra e se muda para perto da roça de novo, e vai se mudando assim vai só se afastando do local de origem. E nossa linguagem com os xavante são parecidos, porque antigamente nós éramos assim, somos descendentes do xavante. (Sandoval Krarate Xerente, 10 de maio de 2023).

Diante das observações realizadas dentro do território xerente, é possível afirma a fala do ancião que os xerente não tem moradia fixo, na qual atualmente conta com mais de 100 aldeia, onde cada família estão construindo sua chácara, sítio, assim se mudando de um local para outro, deixando o seu local de origem e construindo um novo lá.

Conforme a pesquisa realizada, no artigo de Ivo Schroeder que apresenta o tópico específico sobre a Memória social e história, onde mostra a versão do senhor ancião Severo Sõware, em que ele narra o seguinte: Foi do Morro Perdido onde se dividiram, Xavante, Xerente. Karajá foi bem daí do Morro Perdido que foi para o Araguaia. Assim foi toda a nação, estava tudo ali no Morro Perdido. Foi ali que se dividiram, Krahô, outras nações, tudo. Então é toda a nação, mas quem ficou em Morro Perdido foram os Xerente e ainda hoje está perto. (Sõware dezembro, 2003 pág.69).

As palavras do ancião Sõware nos dá o entendimento de que o Morro Perdido desempenhou um papel central na história e na migração de ambos povos Indígenas. Estes foram chamados de Xavante, descritos como ferozes e bárbaros. Os outros que se mantiveram em seu território, favoráveis ao convívio e desejosos do contato com os civilizados, foram chamados de Xerente (1991, p. 64-67):

Sobre o cisma entre os Xavante e os Xerente, no século XIX, os dois povos são citados lado a lado, alguns apresentando-os como tribos aliadas (Alencastre, 1865, p. 92-97).

Algumas crianças, jovens, homens, mulheres, idosos que ficaram para trás que são os Xavante, recomendou aqueles que estava do outro lado do rio Araguaia que é o povo Xerente a cuida bem, daqueles que que já havia atravessados, e do mesmo modo o povo xerente recomendou para os Xavantes a cuidar dos filhos netos, genros, noras, a recomendação ocorreu de ambos os apartes. (Sandoval krârâte de Brito Xerente Maio de 2023).

A recomendação entre os Xavante e os Xerente para cuidarem uns dos outros, mesmo

após a separação geográfica causada pelo rio Araguaia, é um testemunho dos laços familiares e comunitários entre esses dois povos indígenas.

Conforme a pesquisa realizada os Xerente habitavam as caatingas do médio Tocantins, entre os rios Manuel Alves Grande e Manuel Alves Pequeno e nos sertões do Duro, quando foram submetidos, em 1810, por Fernando Delgado Freire de Castilho, que governou Goiás de 1809 a 1820 (Alencastre, 1964-1965, apud Magalhães, 1928, p.8). Quando os Xerente passaram a ser residentes do estado do Goiás que passou a ser considerado estado do Tocantins em 5 de outubro de 1988.

2.2 Xerente da Atualidade 2023-2024

Os Xerente, denominados Akwê-tkabi, Indígenas verdadeiros, segundo o Site da Funai, formam com os Xavante (autodenominados A'we), de Mato Grosso, o ramo central das sociedades de língua Jê. Estão localizados no estado do Tocantins no Município de Tocantínia a 70 km do capital Palmas, localizados na terra Indígena Xerente a 8 km do município de Tocantínia no sentido a Cidade de Rio Sono, e 12 km sentido a Cidade de Aparecida do Rio Negro.

As terras demarcadas atualmente contemplam apenas uma pequena parte do território original. Diante disto o povo xerente se concentra em uma área demarcada regularmente no total de 183.245,91 hectares sendo dividido em duas áreas, o Território Funil Xerente conta com 15.703,80 hectares e o Território Xerente com 167.542,11 hectares no município de Tocantínia, TO.

Segundo o site da CECAD Tabulador do Cadastro Único famílias cadastradas, em abril 2023 contava com 3.637 famílias indígenas cadastrados, e 2.111 crianças e adolescente com o total de 5.748 indígenas.

O povo xerente vive em quatro regiões da área Xerente, sendo elas: regiões Brejo Comprido, Brupré, Rio Sono, Porteira nessas regiões são subdivididas as aldeias pertencentes a cada região. Essas regiões foram criadas para melhor organizar as comunidades indígenas.

As regiões foram criadas pela FUNAI para facilitar o meio do trabalho da instituição FUNAI que trabalha justamente com as populações indígenas Xerente. Sendo eles Rio Sono, Brejo Comprido, Porteira, Funil, Brupe antiga Mirassol. (Edevaldo Sinãs Calixto Xerente 05/07/2023).

Segundo o relato do Edevaldo Xerente, atualmente contamos com 8 regiões sendo eles, Cabeceira Verde, Suprawaha, Salto, Rio Sono, Brejo Comprido, Porteira, Funil, Brupe,

para facilitar o atendimento e a organização da população xerente.

Na tabela abaixo apresentamos as relações de aldeias existentes na Terra Indígena Xerente e a quantidade de aldeias por Região - dados fornecidos pela CTL-Coordenação Técnico Local da Funai em Tocantínia- TO.

Tabela 1 - Relações de Aldeias na Terra Indígena Xerente

Regiões: Comprido	Brejo Comprido, Recanto da Água Fria, Paraíso, Santa Fé, Cabeceira da Água Fria, Monte Sião, Canaã, Nova Jerusalém, Aldeinha, Mourão, satélite, Fortaleza, Cachoeirinha, Cantão, Terra linda, Mata Verde, kakakawaha, Monte Alegre.	ALDEIAS. 20
Regiões: Ktekaká	Rio Sono, Brejo Verde, Espaço Livre, Cabeceira Verde, Sangradouro, Brejo Novo, Riozinho, Brejinho, Brejão, Mrãikretõ-Rio Preto 1, Rio Preto 2, Nova Lima.	12 ALDEIAS.
Regiões: Brupre	Brupré, Traíra, Sítio, Novo, Cristalina Tkaité, São José, Novo Horizonte, Santo Antônio, Lajeado, Betânia, Pôr do Sol, galho grande Kunerewedehu, Imburuçu.	12. ALDEIAS.
Regiões: Mirassol	Mirassol, Jenipapinho, Buritizal, Olho D'Água, Campo Grande, Zé Brito, Jenipapo.	07. ALDEIAS
Regiões: Suprawahá	Suprawahá, Serrinha, Serrinha 2, Boa Vista, Macaúba, Coqueiro, Bom Tempo, Mata Verde, Pantanal Sdarawe , Lajeiro, Maracujá.	12 ALDEIAS

Regiões: Tkaiwe	Sucupira, Morrinho, Bom Jardim, Ktepo, Baixa Fundo, Recanto das Emas, Garapiá, Fênix, Formosa, Sasé Wairize.	11. ALDEIAS
Regiões: Porteira	Porteira, Porteira do Nrõzawi, Recanto, Aldeia nova, Piabanha, Mraizasé, Piabanha Kazase, Salto, Mato do Coco, Varjão, Santa Cruz, Bela Vista, Nova Aliança, Montes Belos, Serra Verde, Boa Esperança Vão Grande, Barreira, Rumão, Rocinha, Cercadinho, Cocalinho, Karehu, Cachoera do Kákaka, Cachoeira do Brejo do Ouro, Brejo do Novo Sítio, Bananal, Ipé Cerrado, Srãpapa.	30. ALDEIAS.

Fonte: CTL-Coordenação Técnico Local da Funai em Tocantínia- TO (2023).

Segundo entrevista realizada com um técnico de enfermagem do município, que trabalha diretamente com os registros de acompanhamentos da população Xerente:

A equipe médica do Polo Base de Saúde Indígenas trabalha com cada região, e dentro dessas regiões e existe subdivisão de aldeias, têm aldeias que foram criadas que existe moradores, e tem outros que não existe morador, assim contando com 104 aldeias, com o total da população de 4449 indígenas xerente incluindo pessoas que moram, zona urbana. (Roberval xerente abril de 2023).

A subdivisão das regiões e aldeias permite uma abordagem mais específica e direcionada às necessidades de saúde de cada comunidade, levando em consideração suas particularidades e desafios individuais.

Na cidade de Tocantínia a população em geral conta aproximadamente 7.688 habitantes em 2022, segundo os dados obtidos do IBGE, incluindo a população Xerente. A cidade conta os estudantes indígenas na educação básica e superior.

Os xerente são povos que ainda mantêm um pouco da sua cultura, um deles é a linguagem Akwê, sua organização social, e a festa cultural que acontecem de vez em quando, isso porque já perdemos vários anciões, idosos, que tinham o seu grande peso para festa cultural acontecer, no mês de julho, período, que é sempre marcada para estar acontecendo as festas culturais.

O Povo Xerente passou a adentrar mais na cultura do homem branco, deixando de priorizar sua cultura, seus costumes, e sua tradição. Vemos que os xerente da atualidade, são povos que se comunicam através das redes sociais, marcam reuniões através dos grupos de WhatsApp, e raramente se encontram nas festas culturais. Onde os xerente estão deixando de lado a sua história de vida, seu costumes, sem deixar de mencionar que isso é um impacto dentro da trajetória de vida do povo xerente, onde os jovens indígenas se conhecem através da mídias, como facebook, WhatsApp, fatos que jamais existiu na etnia xerente, passou a se aprofundar mais depois da tecnologia, onde foi proporcionada pela pandemia de covid-19. Conforme as observações analisadas vemos que a maior parte dos adolescentes passam a se conhecer através do facebook, Instagram, Messenger.

A tecnologia que é utilizada como meio de comunicação coloca exposto as crianças e adolescentes correr risco de se relacionar muito cedo, no qual a maioria desses jovens estão expostas a violência psicológica, assédio, e até mesmo estupro. Situações essas, tornam-se preocupantes, pois colocam a integridade física, moral e psicológica do usuário em risco, se não houver controle por parte dos responsáveis familiares.

Diante disso salientamos que as mídias sociais vai na contramão da cultura do povo xerente causando ai um desenvolvimento histórico, na qual as plataformas vem sendo muito utilizados pela juventude xerente, mais ao mesmo tempo vem infligindo a cultura do povo, fazendo com que a maior partes da população indígenas xerente, não valorizem a sua própria história e também dos antepassados, pois atualmente a pessoas preferem passar maior parte do tempo utilizando as mídias sócias, na qual estão sujeitos a cometer crimes através das mídias sociais.

Pois nos dados cadastrados nos aplicativos contém todas as informações do usuário, como idade, sexo, religião, raça ou etnia. Mas ao mesmo tempo não se tem a fiscalização nos aplicativos para impedir que os usuários menores de idade não possam ter acesso a certos tipos de publicação das fotos ou vídeos.

Na maioria vezes colocar exposta os adolescente a correrem o risco de cair no trote, que pode causar danos emocional, psicológico, ou depressão ou até mesmo suicídio. A preocupação com a exposição de crianças e adolescentes nas mídias sociais é muito válida. A tecnologia, embora tenha muitos benefícios, também traz consigo riscos significativos, especialmente para os jovens que podem não ter plena consciência dos perigos envolvidos.

É essencial que os responsáveis familiares estejam atentos e assumam um papel ativo na orientação e supervisão do uso da tecnologia por parte de seus filhos. Isso inclui educá-los sobre os potenciais riscos online, estabelecer regras e limites claros, para crianças e

adolescentes.

Além disso, a falta de controle por parte das plataformas de mídia social em relação ao acesso de menores a certos tipos de conteúdo é uma questão preocupante. As empresas de tecnologia têm a responsabilidade de implementar medidas eficazes para proteger os usuários mais jovens e garantir que eles não sejam expostos a conteúdos prejudiciais ou inadequados.

Quanto à questão da preservação da cultura e história do povo Xerente, é crucial reconhecer o impacto que as mídias sociais e a tecnologia podem ter nesse contexto. É importante encontrar um equilíbrio entre aproveitar os benefícios da tecnologia e preservar as tradições e identidade cultural. Isso pode envolver iniciativas educacionais, programas comunitários e esforços para promover a valorização da história e patrimônio cultural dos Xerente dentro e fora das plataformas digitais.

2.3 Organização Social

Diante do contexto histórico mencionado, salientamos que o Povo Xerente tem sua organização social que é o ponto crucial para o povo aqui discutido, pois é a partir dessa organização social e que ele se organiza, quanto ao aspecto cultural, com a finalidade de sempre manter o respeito dentro da etnia, citamos as organização social: Isake, Wahire, Kreprehi, apresentado como traço e do outro lado vem a família dos Dohi, Kuzá, Kbazi denominados com o desenho de círculo simbolizado dentro da etnia xerente como a pintura da onça pintada.

Aqui iremos apresentar o relato do ancião Sandoval Krarate de Brito Xerente, residente da aldeia Montes Belos Srãpré, sobre a organização social do povo Xerente, segundo o seu relato a organização social surgiu a partir de dois irmãos casados, os dois irmãos havia muitos filhos, o mais velho tinha somente os filhos homens- amba e o mais novo tinha só filhas mulheres-Pikõ, o irmão mais velho chamou o irmão mais novo para apresentá-lhe os modelos que havia preparados para dividir os clas.

O mais velho colocou os modelos preparados na esteira- waptá, para que ele escolhesse os modelos de clã que ele queria, o irmão o mais novo primeiro pegou clã dos Isake e logo em seguida apagou pois não havia gostado dos modelos, em seguida colocou o modelo do clã da bolinha que são chamados de kuza, ao colocar o modelo em suas pernas ele disse que ficaria com o clã dos kuza.

Assim sem questionar o mais velho ficou com o clã do Isake que tem subdivisão dos clas, como isake, wahire e kreprehi. E mais novo ficou com clã dos Kuza, assim dividindo

entre kbazi e dohi a família das bolinhas.

Sandoval Xerente esclarece que diante da história repassada dos anciões, diz que nos casamos como nossas irmãs e nosso irmãos, em português é primo e prima próximo, e em Akwe é ihidba, e ihitbre ou isōhitbre e isōhitba primos distantes.

Conforme o relato do ancião Sandoval Xerente o que causou a divisão foram os clã divididos entre os irmãos, pois antigamente não era de qualquer jeito colocamos como exemplo, o casamento cultural, por isso antigamente acontecia o casamento conforme a pintura dos clã, isake com o kbazi, wahire com kuza, e krephehi com Krito.

A partir de então surgiu a organização social, na qual são passadas geração a geração, para não perder a linhagem e o histórico do povo xerente. Essa organização social surgiu como uma lei cultural do povo xerente, assim propiciando o foco principal que é o respeito total de ambas as partes, servindo aí com a forma de organizar na festa cultural, no sepultamento, no casamento, na nomeação masculino e feminina.

Diante disso Sandoval Xerente salienta que essa organização social na atualidade deveria ser seguida mas não está sendo seguida, onde na maioria das vezes acontece o casamento cultural do mesmo clânico, tendo como ameaça a distinção no respeito da lei cultural que é a pintura corporal.

O ancião faz uma explanação da juventude na nova geração, que essa sociedade geração nova não tem conhecimento profundo da cultura, por isso tem grandes desavenças, dentro da etnia xerente, pois as pessoas não procuram se informar, sobre a organização social para ter o respeito pelo próximo, como já mencionado acima, sobre a lei cultural tendo aí o ponto principal que é o respeito total de ambas partes.

Dentro dessa organização social existem também a nomeação masculino e feminino, no qual os nomes próprios feminino e masculino seguem a linhagem do país considerando como patrilinear, ou seja, a nomeação ocorre conforme clã de cada responsável familiar (*pai da criança*) para que não haja conflitos entre as famílias. Essa organização social, é uma lei cultural do povo xerente que deve ser seguida conforme os ensinamentos dos anciões para que não haja distinção sobre a cultura xerente.

Diante disso salientamos que a organização social está presente a todo instante, como na nomeação feminina e masculina, na forma de tratamento, no sepultamento, no casamento, organização da aldeia, dentre outros.

Diante dessa organização social gostaria de expor que eu sou linhagem isake o meu clã é isãke seguindo a pintura corporal do meu pai Sandoval Krãrãte de Brito Xerente, e minha mãe Lourdes Smikadi Xerente é do clã wahire,.

Em 2016 casei-me com o meu marido Osmar Nroremekwa Xerente que tem consigo o clã do Kbazi que são a famílias da bolinha que é justamente o meu lado oposto, que obrigatoriamente conforme a cultura deve haver o respeito total de ambas as partes, pois são dois lados chamados de Wasiwazé ou Wakuiwa.

Assim obrigatoriamente o meu filho seguirá a linhagem do pai seguindo a pintura do clã kbazi, e assim utilizando a os nomes próprios dos clãs kbazi sem haver mistura de nomes, pois cada clã sabe os nomes próprios que devem ser utilizados conforme a sua pintura corporal, sem deixar de explicar que em hipótese alguma o meu filho deve usar os nomes do meu clã, pois seria um erro se eu colocasse o nome do meu partido clânico. A família do meu esposo jamais aceitaria.

Para ele utilizar os nomes do meu clã deve haver uma consulta entre anciões se pode ou não utilizar o nome do meu clã, se caso os anciões concordarem é possível colocar o nome, não havendo concordância de ambas as partes não é permitido colocar o nome sem autorização dos anciãos ou avós patriarcal. Os nomes colocados em crianças são conforme a pintura corporal e conforme a decisão dos avós paternos.

É importante salientar que as pinturas corporais do povo xerente é uma identidade cultural, tendo como objetivo identificar a pessoa de que partido clânico é o sujeito.

2.4 Tecnologia de Rádio Amador

Para melhor compreensão da chegada de tecnologia entre o povo Xerente, iniciaremos a discussão sobre a ponte que liga o território Xerente a cidade de Rio Sono, que em akwe é denominada Kuba Krentõ. Por volta de 1992, aconteceu o conflito entre os xerente e os não indígenas juntamente com os militares do estado e município, é importante destacar a importância do Rádio amador como meio de comunicação no local do conflito. Segundo as informações obtidas pela anciã da aldeia Montes Belos Lourdes Smikadi Xerente que narra o contexto da implantação do Rádio amador na reserva xerente a qual vivenciou na época relata que: A ideia de implantar o rádio no local do conflito foi do delegado da Funai, chamado Edson, como um meio de comunicação com o procurador da FUNAI Mario Lucio, defensor do povo xerente em meio ao conflito da ponte. Foi iniciado a construção da ponte e quando faltavam as duas camadas para finalizar a ponte que liga a cidade do Rio Sono, a população indígena xerente descobriu que a ponte estava prestes a ser terminada sem autorização dos Xerente, assim sendo anunciado em todas as aldeias para que a população xerente pudesse ter conhecimento da ponte, que estava saindo sem autorização, pois foi autorizado por uma

minoria de três pessoas.

Nesse conflito foi implantado o rádio amador para facilitar a comunicação dos xerente, no local havia rádio interno onde as comunidades se mantêm informadas, e no rádio externo era exclusivo do delegado da FUNAI para poder está repassando as notícias da invasão do território xerente por policiais militares, procurando comunicar os procuradores do estado, especificamente os procuradores federal sobre as situações de conflitos dos indígenas com os não indígenas, sendo assim a implantação do rádio foi fundamental na área ameaçada.

Pois dali as informações eram repassadas nas aldeias, dando notícias de como estava a situação do povo xerente com os não indígenas, pois a ameaças dos não indígenas eram grandes, tendo como foco primeiro acabar os indígenas que estava ali no confronto e em seguida era se espalhar nas aldeias para exterminar a população indígenas que estava em suas residências.

Na época eu era batizado novo na igreja Congregação Cristã, onde foi feita a latada de babaçu, onde todos se reuniam em oração, quando estava para escurecer todos usava o véu, e ficavam orando, pedindo a Deus Waptokwa Zawre para que todos os akwe voltasse sã com vidas. (Lourdes Smikadi Xerente, 16 de junho de 2023).

Nessa ocasião como os indígenas estava pouco no confronto, segunda a fala da anciã Lourdes Smikadi Xerente, os xerente criou a estratégia, para enganar os policiais que estava do outro lado da linha mais dentro da reserva xerente observando os indígenas, os xerente atravessava as matas com taça de panela grande, para os policiais ver que tinham muitos indígenas escondidos na mata, se caso eles fossem atacados tinha pessoas da mata protegendo o povo xerente com arco e flecha (wakrowde), borduna Kuro etc.

Os xerente ali acampados na sua área demarcada, protegem suas terras e proibiram a saída das pontes que estava sendo feito clandestinamente, pelos não indígenas, sendo assim alguns carros que passava dentro da reserva com tanques de óleo, os xerentes se obrigaram a acendia os carros para impedir o processo de seguimento da ponte, não foi fácil pois tiveram que envolver até a polícia federal, o procurador da FUNAI etc.

Naquela época eu me lembro que tinha um procurador da Funai chamado Mário Lúcio, que defendia o povo xerente, fechando tudo que pudesse impactar os xerente. Ele pegou o rádio amador e colocou no local do conflito. Quando os xerente ameaçava de derrubar a ponte os policiais vinham atravessar para intimidar os índios. (Sandoval Krârâte de Brito Xerente. 21/06/2023)

O relato do senhor Sandoval Xerente destaca a importância da atuação do senhor chamado Mário Lúcio, que defendia os direitos e interesses das comunidades indígenas em

sua fala é possível perceber que o Procurador demonstrava um esforço para evitar conflitos e proteger os Xerente de possíveis impactos negativos em seu território.

Dando sequência da história sobre os conflitos ocorrido na época com a chegada do procurador federal, os policiais PM do local foram ao encontro do procurador para conversar, mas o procurado se negou a falar com os PM dando a prioridade para o povo Xerente, para entender o porquê do conflito no local da divisa entre a terra demarcada do Xerente e o Rio Sono, Sandoval Xerente esclarece:

Mário Lúcio era um Homem que tinha autonomia, ele era duro com suas decisões. Primeiro conversou com a gente, e nós explicamos por que que estava acontecendo o conflito, que era justamente a obra da ponte que estava saindo sem autorização dos xerente. O procurador da Funai entendeu por que os xerente estavam ali no local. Ele deu a ordem para os policiais baixarem as armas e mandou embora do local, dizendo que nós estávamos dentro do nosso direito, por isso eles tinham que sair imediatamente do local. (Sandoval Xerente, 21/06/2023).

Dando sequência sobre a história e da importância do rádio apresentamos os fatos que presenciei na aldeia Boa Esperança a 17 km do Município de Tocantínia, quando tinha meus 8 anos de idade, na qual vi de perto a comunicação do povo xerente através do rádio amador, projeto criado por um Padre chamado Patrick, que fazia parte do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) segundo as informações adquiridas o rádio amador foi implantado nas aldeias em 1990.

A anciã da aldeia Boa Esperança Ssurehu nos dá o depoimento:

Quando nós morava na aldeia Cento em 1992 passou dois anos, colocou na nossa aldeia o Rádio, era muito bom, porque nós conversava de longe. Moramos durante oito anos na aldeia Cento depois a gente se mudou para aldeia boa esperança, quando nós saímos de lá trouxemos o nosso rádio, porque ele era muito importante na época para a gente se comunicar. O rádio foi muito importante porque nos ouvia a notícia de outras aldeias, o rádio era muito importante porque a gente ouvia de longe, a gente escutava o povo falar e conversava com os parentes. (Maria jose waktidi xerente, 12/11/2023).

Através da fala da anciã é notório o quanto foi importante a implantação da rádio nas aldeias, com intuito manter informada às comunidades indígenas com a nova forma de organizar o povo, com o objetivo de facilitar o meio de comunicação através dos rádios amadores.

Dando continuidade da história, acompanhei de perto o processo dos aparelho desde ao meus oito anos de idade, o desenvolvimento do povo xerente em termo de tecnologia, a princípio os rádios foram implantados na comunidade xerente nas cinco regiões das aldeias na TI Xerente, sendo eles Rio Sono, Brupre, Funil, Brejo Comprido e aldeia Paraíso, a aldeia

Paraíso era o centro de comunicação, pois ali pegava todos os sinais do rádios, e ali que fazia transmissão para as outras aldeias, que não tinha comunicação direta, depois disso viu-se a necessidade de que todas as aldeias tivessem, mas não foi possível instalar em todas as aldeias. As aldeias que ficavam próximo um do outro tinha de passar recados, mandava alguém para comunicar a comunidade ou a pessoa específica:

O rádio amador é uma tecnologia de comunicação imediata que tinha na aldeia Boa Esperança. O rádio amador era público que todo mundo acessava e se comunicava. Mas não tinha em todas as regiões das aldeias, quem não tinha rádio, tinha que ir para aldeia mais próxima, onde tinha rádio para se comunicar. Eu me lembro que tinha na aldeia Boa Esperanças, Zé Brito, Rio Sono, Cercadinho, Brupré, Riozinho, Mirassol e funil. (Jacirene Wakedi de Brito Xerente, 12/06/2023).

Essa rede de rádio amador conectava várias comunidades, permitindo a troca de informações e o contato entre os membros das diferentes aldeias Xerente. Os rádios amadores implantados nas aldeias eram utilizados somente pelos adultos, era o meio de ouvir notícias de outras aldeias, de como a sociedade estava passando quanto à questão de saúde e convivência familiar, dentre outros assuntos cotidianos:

Quando eu ainda morava na aldeia Karehu, tinha Radio Amador, eu me comunicava pessoalmente com o meu pai, minha mãe, e minhas irmãs, que moravam encostadas dos meus pais. O rádio era muito bom porque a gente que ficava na aldeia, era muito bem-informada sobre as situações que aconteciam em outras aldeias. (Eva Sikupti Xerente, 03/06/2023).

Percebe-se que o rádio facilitou a comunicação entre os familiares, na qual ainda proporciona uma fonte de informação sobre o que estava acontecendo em outras aldeias, isso nos mostra claramente que havia uma comunicação direta e indireta onde as comunidades indígenas eram informada sobre eventos e situações em outras partes da região.

A casa da rádio foi construída, pelo meu avô, no centro da aldeia Boa Esperança Ssuirehu, a 17 km do município de Tocantínia no sentido de Pedro Afonso TO-010. Como o meu avô Constantino Skrawe Xerente era muito ciumento com o rádio, ele teve a ideia de construir a casa do rádio logo no centro para que toda comunidade da aldeia pudesse vigiar.

Era muito bom porque as comunidades indígenas mantinham-se conectadas através daquele rádio, a utilização do rádio era somente os adultos que tinham acesso, tanto homens quanto mulheres, pois era o único meio de se comunicar com os parentes, filhos genros e demais parentes. Já as crianças ficaram bem curiosas e observando como era feito:

O radioamador era muito bom, porque antes quando não tinha rádio, a gente não tinha informações de outras aldeias. Depois que teve rádio, melhorou bastante a comunicação, porque a gente ficava sabendo de tudo que se passava em outras

aldeias. Quando eu morava na aldeia Centro Nrõwde Zakdi, foi instalado o primeiro radioamador em 1992, contemplando assim outras aldeias. Eu lembro que na época foi instalado na aldeia Rio Sono, Funil, Porteira, Mirassol, Brejo Comprido, Recanto Krité e Brejinho. (Lourdes Smikadi Xerente, 10/06/2023).

Várias vezes presenciei meu avô ali sentado perto do rádio escutando as conversas de outros anciões, pois era público, pra quem quisesse escutar, pois as coisas que eram tratadas naqueles momento na escuta do rádio ou na comunicação, ninguém podia utilizar o rádio como forma de brincadeira, de diversão, pois se era descoberto era muito raiado, repreendido, e se chegasse a estragar o rádio corria-se o risco até de apanhar dos pais ou dos anciões, pois existia o maior medo de estragar o aparelho:

A comunicação é compreendida como o processo de integração social democrática baseada no intercâmbio de símbolos mediante o qual as pessoas compartilham voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação. (GOMES, 1997. p. 106).

Diante da realidade damos a sequência sobre as experiência vividas na aldeia Boa Esperança com o meu avô Constantino sobre a utilização do rádio amador, quando a bateria descarregava passava maior tempo se ter o aparelho, e se estragasse era pior ainda, pois era muito difícil de consertar, tinha que esperar meses e meses, para que os Conselho Indigenista Missionário (CIMI) passassem nas aldeias para levar o Rádio e concerta. Com o rádio estragado era muito difícil de manter a comunicação, ou ficar informado sobre os fatos que aconteciam dentro da reserva xerente, por isso a preocupação em proteger e cuidar do aparelho era de extrema importância, pois sem ele ficava tudo muito difícil.

Em alguns momentos vi meu avô sentado na cadeira perto do rádio, resolvendo problemas externo, pois presenciei esse fato ficando ali por perto vendo conversa do meu avô apaziguando algumas situações complicadas, como violência físicas, ou problemas Inter familiar, ele debatia e solucionava as questões para não haver conflitos entre ambas as partes. Como não tinha transportes fixo naquela época a única forma ou solução era, os dois anciões marcar o dia e a horas para se conversarem nos rádios, para amenizar ou resolver as questões externo do povo Xerente, sem ter nenhuma interferência, pois tinha que respeitar o momento dos anciões.

O rádio amador veio para facilitar a comunicação do povo xerente internamente, na qual também foi adquirida para ser imposta na Polo Base de Saúde indígena, no pólo base era contratado uma pessoa para ficar atendendo o rádio caso tivesse chamadas de urgência ou emergência, dos pacientes das aldeias.

Depois que o rádio foi instalado no polo base facilitou muito, porque era passado recado para o Polo Base para buscar paciente nas aldeias, e qualquer enfermeira atendia o rádio imediatamente, e logo em seguida já providenciava para buscar paciente na aldeia certo. (Lourdes Smikadi Xerente 13/06/2023).

A implementação do rádio no polo base realmente facilitou muito o trabalho da equipe de saúde, especialmente na coordenação do transporte de pacientes das aldeias para o atendimento. Com essa comunicação mais ágil, as enfermeiras podem responder imediatamente aos chamados e organizar o transporte de forma eficiente, garantindo que os pacientes recebam o cuidado necessário no momento certo.

Diante disso o ancião Sandoval Xerente nos esclarece que:

Rádio amador era muito bom porque tinha uma comunicação, ele fazia o intercâmbio com Goiânia, Brasília, e era utilizado dentro da reserva para facilitar a comunicação dos xerente dentro do território. (Sandoval Xerente, 21/06/2023).

Conforme as entrevistas realizadas, o rádio amador foi uma ferramenta de extrema importância dentro do território xerente, pois ele proporcionou o meio de comunicação imediata, fazendo que as comunidades indígenas, pudessem se adaptar com a utilização e o meio de se manter informadas com as notícias ao redor dentro da reserva xerente.

Diante do relato detalhado sobre a história do rádio amador na sociedade Xerente nos oferece uma visão valiosa sobre como a tecnologia pode desempenhar um papel fundamental na comunicação e no fortalecimento das comunidades indígenas Xerente.

3 O UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS, TERRITÓRIO E O ANDAMENTO DOS CURSOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID

Neste capítulo trazemos uma retrospectiva sobre como indígenas de diferentes partes e universidades do país vivenciaram a pandemia. Em seguida faremos uma abordagem sobre a pandemia, a partir da vivência de Silvino Sirnawe que na ocasião era mestrando da UFG e trouxe sua experiência através de um de um Painel juntamente colegas indígenas de outros povos, porém aqui nos interessa a fala desse Xerente.

3.1 Abordagens de indígenas de diferentes povos e universidades

Assim que o ensino remoto teve início em meio à pandemia de covid-19, em 2020, Maria da Penha do povo Atikum morava em Brasília, a universitária de 25 anos passou a enfrentar diversos problemas para continuar no curso de serviço social na Universidade de Brasília (UnB). Logo no início da pandemia teve que deixar a capital federal e retornar para a sua aldeia no município de Carnaubeira da Penha, no sertão de Pernambuco.

Quando as aulas começaram pelo modo remoto, no mês de agosto de 2020, surgiram as dificuldades, como a falta de um computador e uma conexão de internet precária. A estudante enfatizou "Já fiquei dias sem conseguir assistir a uma aula", disse Maria da Penha em entrevista à BBC News Brasil. Os problemas de conexão costumam afetar até mesmo estudantes que moram nos centros urbanos, são ainda maiores para quem mora em áreas rurais ou terras indígenas (Vinícius Lemos, 2021).

Sobre o ensino remoto, Penha comentou ser um período complicado e muito estressante", afirmou que não abandonou as aulas durante a pandemia porque acredita que é fundamental ter um curso superior para ter uma profissão. Afirmou que "Já perdi muitas aulas por causa da internet. Cheguei a perder provas por causa disso". Disse ainda "Tenho que continuar (estudando)" (Vinícius Lemos, 2021).

Penha descreveu sobre o que enfrentou no início das aulas virtuais, o mesmo ocorreu com vários indígenas universitários de diversos povos do Brasil ela não tinha computador, o que ela tinha era um celular com pouca memória. Por meio de um edital de inclusão digital da UnB, destinado a alunos de baixa renda, ela conseguiu R\$ 1,5 mil. Ela comentou que "Tive que me virar com meus pais para complementar mais R\$ 1 mil e comprar um notebook, porque esse valor (do edital) não era suficiente", relatou a estudante. Logo surgiu outro problema e preocupação, cerca de 25 dias após a compra, o notebook começou a desligar

várias vezes. Ela relatou que "Ele começou a apagar de repente. Muitas vezes tive que assistir aulas pelo celular, que não é lá essas coisas, porque tem pouca memória", (Vinícius Lemos, 2021). Essa situação de problemas com a máquina recém adquirida, ocorreu também entre os indígenas Xerente.

De acordo com Vanessa Hãtxu de Moura Karajá, de 26 anos, graduada em Pedagogia na Universidade Federal de Goiás e mestranda em Letras na Universidade Federal de Tocantins (UFT), os povos indígenas do país têm passado por dificuldades por falta de condições para acessar as aulas, já que a maioria não tem computador e internet, ainda segundo ela, durante a formação acadêmica sofrem preconceito e racismo institucional. "Minha história é parecida com a de muitos jovens indígenas, sou a primeira da família a ingressar e concluir um curso de ensino superior. Sou mulher indígena, mãe, lutar por nossos direitos faz parte da minha realidade" (Camila Nogueira e Ronaldo Antônio, 14.12.2021), comentou Vanessa ao Web Jornalismo UniAraguaia.

Vanessa explicou sobre as condições dos estudantes indígenas nas universidades, comentou que em alguns Institutos de Ensino Superior "realizaram projetos de inclusão digital, fornecendo chips, auxílios financeiros para pagamentos de internet e empréstimos de celulares e notebook". Mas afirmou que nem todos os discentes têm a mesma oportunidade de acesso à internet e apoio das instituições de ensino superior.

O aumento no número de indígenas nas universidades brasileiras, se deve muito às políticas de cotas de 2005 e aos incentivos adotadas a partir de 2012, como o Programa de Bolsa Permanência/MEC, mas também devido ao esforço individual e comunitário dos povos originários.

Até 2019, o percentual de estudantes indígenas nas Instituições de Ensino Superior crescia paulatinamente. O censo do Inep mostra mais do que uma interrupção nessa curva ascendente, já em 2018, havia 57.706 indígenas matriculados e, em 2020, 47.267.

O decréscimo pode ser maior no contexto da pandemia (Entre 2018 e 2020 houve um decréscimo superior a 10 mil indígenas matriculados nas IES do país), e tudo indica que a evasão aumentou. Em especial, ao levar em conta que as aulas presenciais foram suspensas e substituídas por aulas on-line. Importante ainda considerar que no Brasil, 43% dos residentes em zonas rurais não têm acesso à internet, nos territórios indígenas a situação é mais complicada ainda, importante lembrar que os povos indígenas chegaram a ser ameaçados por uma tentativa de veto, ocorrido no governo de Jair Messias Bolsonaro (2019 e 2022) a medidas de segurança durante a crise sanitária, como o acesso à água potável, materiais de higiene, leitos hospitalares e respiradores mecânicos. (Marcelo Menna Barreto, 14 de abril de

2022).

Durante a pandemia, o isolamento social, afetou a população indígena no acesso às aulas online, conseqüentemente, acabou influenciando na inscrição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que é a principal porta de entrada ao ensino superior no país. Além de reduzir drasticamente, o número absoluto de inscritos no exame, que em 2021 registrou, sua menor participação desde 2007, a redução mais expressiva se deu na presença de pretos e indígenas ao se comparar ao período de 2020. Os indígenas lideraram esse índice, registrando uma redução de 54,8%, considerando que 20.752 estudantes dos povos originários não conseguiram fazer suas inscrições. (Marcelo Menna Barreto, 14 de abril de 2022).

Não é fácil ingressar e concluir um curso no ensino superior, nesse processo, os indígenas enfrentam uma série de desafios diários, desde os deslocamentos, que são diversos, a migração de suas aldeias para as IESs, que estão localizadas nos centros urbanos, passa por diferentes fatores, dentre eles as dificuldades financeiras para arcar com custos de alimentação e moradia, além do preconceito, entre outras situações. Edson Kayapó, de sua aldeia no estado do Amapá, aos oito anos de idade para dar sequência aos seus estudos, em seguida iniciou sua carreira acadêmica, cursou História em Minas Gerais, em seu mestrado e doutorado abordou sobre a importância da educação indígena diferenciada e atualmente leciona no curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Linter) no Instituto Federal da Bahia, IFBA. (Marcelo Menna Barreto, 14 de abril de 2022).

No seu dia-a-dia, porém, os universitários de várias etnias se deparam com inúmeras dificuldades: choque de culturas, necessidade da migração, preconceito e muita falta de informação. A região Sul é a que conta com menos presença indígena na academia.

Um exemplo: na cidade de Porto Alegre em março passado de 2021, estudantes indígenas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), acamparam em um prédio que foi cedido pela prefeitura da capital e, posteriormente, devolvido pela instituição. A atitude tomada, foi uma forma de protesto encontrada para que se viabilize uma Casa do Estudante Indígena naquela instituição, o movimento teve início, principalmente, por universitárias que são mães, e não se trata da busca de um privilégio, segundo Angélica Kaingang, mestranda em Política Social e Serviço Social na Ufrgs, é a criação de um espaço onde o modo de vida indígena seja respeitado. (Marcelo Menna Barreto, 14 de abril de 2022).

Vanessa Hãtxu de Moura Karajá, graduada em Pedagogia na Universidade Federal de Goiás e mestranda em Letras na Universidade Federal de Tocantins, comentou durante a pandemia sobre as dificuldades que os povos indígenas do país estavam passando, falta de condições para acessar as aulas, já que a maioria não tem computador e internet, segundo ela,

a pandemia deixou tanto os estudantes indígenas como suas famílias preocupados, devido a manutenção desses para custear os estudos a distância tendo poucos recursos:

Logo no início da pandemia voltei para minha aldeia, assim como muitos outros estudantes. Ficamos ansiosos e preocupados, pois muitas aldeias são distantes de centros urbanos. Na minha comunidade não tinha acesso à internet, fiquei preocupada e tive que tomar providências sobre essa situação. Particularmente, consegui instalar internet rural via satélite, mas o custo da fatura é de quase R\$ 300. ((Camila Nogueira e Ronaldo Antônio, UniAraguaia, 14/12/2021).

A pandemia evidenciou os problemas enfrentados por milhares de estudantes brasileiros, dentre eles estão a maioria dos indígenas de diferentes povos, incluindo os acadêmicos indígenas Xerente.

3.2 Os Universitários Xerente, Território, cultura e educação durante a Pandemia

Iniciamos este item trazendo a fala de Silvino Sirinawê Xerente (professor na Terra Indígena Akwê/Xerente), que durante a pandemia era mestrando na Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Porto Nacional, no Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas – PPGHISPAM, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), na oportunidade participou de um Painel, realizado no youtube, juntamente com mestrandos de diferentes povos indígenas, intitulado “Re-experimentando a Resistência: a covid-19 entre os indígenas com povos”, aqui nos interessa a fala de Silvino Sirnãwe Xerente, considerando que o mesmo traçou, de forma contundente um panorama de como estavam vivendo durante a pandemia, os Akwe-Xerente, no território indígena, focando mais especificamente em sua aldeia, Salto Kripe. Em sua fala ele diz:

... Aqui na nossa etnia, quando veio o primeiro caso, que foi suspeito, COVID-19, foi no mês de junho entre o nosso povo a Covid. E é onde o povo se assustou, o povo que não estava preparado para a gente receber e a gente lidar com essa doença. Porque essa doença para mim é invisível, porque eu tive essa doença esse mês de julho. Eu tive, passei mal, fiquei 14 dias de repouso aqui em casa, mas passei muito mal. E essa aí para mim foi um alerta, né? E que nós estamos hoje ainda lidando com essa doença. Graças a Deus é que na nossa etnia, nós não temos nenhum caso hoje que esteja confirmado, né? Apenas aqueles que estão indo pro hospital, e principalmente quando falece. Quando falece um akwe, um ancião, e agora é suspeito de Covid-19. Eu não sei porque, eu não entendo, né? Mas, isso pra nós já é o que a gente sempre tem lidado com o nosso preconceito, né? Esse preconceito que eu falo não só eu, mas todas as pessoas que são vulneravelmente de passar por essa necessidade, né? Por essa doença.

Nesse primeiro tópico da fala de Sirnãwe fica claro o clima pandêmico em que vivia o povo Akwe, no território indígena. As pontuações sobre o povo Akwe durante a pandemia,

tem o intuito de localizá-los no cenário nacional, sobre a situação de enfrentamento desse povo indígena.

A fala de Sirnãwe apresenta uma importante avaliação, com muita precisão a partir do olhar de um Akwe, uma análise realizada de dentro para fora do território, de quem realmente conhece o seu povo e sabe o que ele está passando, o que está vivendo, porque também está inserido no contexto, enquanto indígena que é, passando por angústias, medos e incertezas diante do desconhecido, ele continua dizendo:

Porque o povo indígena, na verdade, eu concordo plenamente que nós somos vulneráveis para pegar essa doença. Então, no Xerente, aqui no Xerente, teve muitos casos que foram suspeitos, positivos. E nós tivemos três óbitos com o Covid-19, principalmente os anciãos. Os anciãos que deixaram a gente, né? E deixaram muitas saudades. E também, (acrescenta) a gente nunca vai ver de novo essas pessoas que nos deixou. E o ancião para nós, todos os povos indígenas, consideram grande biblioteca para os povos indígenas. O jovem pesquisar, o jovem conhecer, o jovem tirar a dúvida que eles querem...

Silvino Sirnãwe mencionou o quanto nós povos indígenas somos suscetíveis, vulneráveis a pegar a Covid19, por esse motivo, de acordo com a medicina ocidental fomos inseridos nos grupos considerados de risco, sujeitos a nos contaminar com o vírus mais do que pessoas de outros grupos. A avaliação de Sirnãwe, feita com o olhar de um Akwe, e de dentro para fora do território, conforme comentei acima, é de quem conhece o seu povo em sua profundidade, detém a cultura, modos de vida e os leva a sério, conforme veremos em sua exposição, mais adiante.

Em sua fala deixa claro que acredita na vulnerabilidade física de seu grupo, diante da doença, principalmente os anciãos, porém mostra certa desconfiança, que todas as mortes estão sendo associadas ao Covid19, ele explica da seguinte forma:

Porque o povo indígena, na verdade, eu concordo plenamente que nós somos vulneráveis para pegar essa doença. Então, no Xerente, aqui no Xerente, teve muitos casos que foram suspeitos, positivos. E nós tivemos três óbitos com o Covid-19, principalmente os anciãos. Os anciãos que deixaram a gente, né? E deixaram muita saudades. E, (acrescenta) a gente nunca vai ver de novo essas pessoas que nos deixou. E o ancião para nós, todos os povos indígenas, consideram grande biblioteca para os povos indígenas. O jovem pesquisar, o jovem conhecer, o jovem tirar a dúvida que eles querem...

Quando a vacinação estava prestes a ser liberada, ficamos nos primeiros grupos que receberam a vacinação. Alguns não conseguiram aguardar a vacinação porque essa demorou. Foi por esse motivo que a vacina chegou primeiro para esses grupos. E sobre o peso da partida dos anciões e o quanto eles representam para as novas gerações, para os jovens, pois eles são as fontes de pesquisa, são as bibliotecas vivas.

Aqui na nossa etnia, quando veio o primeiro caso, que foi suspeito, Covid19, foi mês de junho entre o nosso povo AKWE. E é onde o povo se assustou, o povo que não estava preparado para a gente receber e a gente lidar com essa doença. Porque essa doença para mim é invisível, porque eu tive essa doença esse mês de julho. Eu tive, passei mal, fiquei 14 dias de repouso aqui em casa, mas passei muito mal. E essa aí para mim foi um alerta, né? E que nós estamos hoje ainda lidando com essa doença. Graças a Deus é que, na nossa etnia, nós não temos nenhum caso confirmado, né? Que tem. Apenas que todos aqueles que estão indo para o hospital, e principalmente quando faleceu, né? Quando falece um Akwe, um ancião, e agora é suspeito de Covid-19. Eu não sei por que, eu não entendo, né? Mas, isso para nós já é o que a gente sempre tem lidado com o nosso preconceito, né? Esse preconceito que eu falo não só eu, mas todas as pessoas que são vulneravelmente de passar por essa necessidade, por essa doença.

3.2.1 Como nos comportar diante desse desconhecido invisível? o vírus corona vírus.

A pandemia de Covid-19 apresentou desafios significativos para as populações indígenas, exacerbando desigualdades estruturais e fragilidades já existentes. Entre os principais desafios enfrentados por esses povos estão o acesso limitado a serviços de saúde de qualidade, a dificuldade de alcançar atendimento médico especializado e a escassez de recursos, como leitos de UTI e oxigênio, em territórios:

Aqui na nossa etnia, quando veio o primeiro caso, que foi suspeito, Covid19, foi mês de junho entre o nosso povo Akwe. E é onde o povo se assustou, o povo que não estava preparado para a gente receber e a gente lidar com essa doença. Porque essa doença para mim é invisível, porque eu tive essa doença esse mês de julho. Eu tive, passei mal, fiquei 14 dias de repouso aqui em casa, mas passei muito mal. E essa aí para mim foi um alerta, né? E que nós estamos hoje ainda lidando com essa doença. Graças a Deus é que, na nossa etnia, nós não temos nenhum caso agora confirmado, né? Que tem. Apenas que todos aqueles que estão indo para o hospital, e principalmente quando falece, né? Quando falece um Akwe, um ancião, e agora é suspeito de Covid-19. Eu não sei por que, eu não entendo, né? Mas, isso para nós já é o que a gente sempre tem lidado com o nosso preconceito, né? Esse preconceito que eu falo não só eu, mas todas as pessoas que são vulneravelmente de passar por essa necessidade. Por essa doença.

Outro aspecto crítico foi o impacto cultural e social, uma vez que práticas coletivas e tradicionais, centrais para a identidade e coesão dos povos indígenas, foram comprometidas pelas restrições impostas. O ensino remoto também representou um obstáculo significativo, devido à falta de acesso à internet e tecnologias adequadas, resultando em prejuízos educacionais para estudantes indígenas. A pandemia expôs e amplificou as vulnerabilidades enfrentadas por essas comunidades, evidenciando a necessidade urgente de políticas públicas específicas e inclusivas que respeitem suas realidades e garantam direitos fundamentais:

Junto com a comunidade aqui da aldeia. Então eu queria dizer que aglomeração, o povo indígena, principalmente para nós, o povo xerente, não existe aglomeração. Sempre a gente está na aglomeração. Porque a gente tem que se reunir. É todo dia, vou ouvir história, né, passeio, tudo. Então vem essa prevenção, certo que eu estava

ouvindo alguns parentes, eu não ouvi o Curia falando, eu não ouvi a Caraceira falando, eu só ouvia falando, mas com certeza eu ouvi o Curia falando que, ele estava falando que tem um pá na roça, aqui também teve, alguns foram na roça, morou, fez barraco na roça, trabalhando, né, mas sempre falava assim, nosso povo, a gente, aí ele estava falando também que tinha três, alguns três, e o pessoal ia na cidade.

Diante da situação da pandemia e a relação com o ensino superior, a estudante Isaura Kredi Xerente relata:

"Em 2022 entrei na faculdade, foi muito grande o desafio no primeiro período. Subi para a pé para a UFT, na época eu peguei três aulas presencial, e duas online. Eu vinha da aldeia, já pensei em desistir várias vezes devido ao adoecimento da minha mãe. Meu marido sempre me apoiou e me incentivou para estudar, nunca tentou me atrapalhar. Eu faltei muito à aula porque minha mãe estava internada e várias vezes assistia aula online do hospital. No final do semestre foi mais difícil por conta da minha mãe. Perdi minha mãe em junho de 2022, pensei muito em desistir, mas a minha família me apoiou. Atualmente moro em Miracema, sou casada e tenho três filhos. No início do meu estudo eu comecei da aldeia Funil, eu pegava ônibus do CEMIX, (Centro de Ensino Médio Indígena Xerente) ou FREY ANTONIO, muitas vezes perdi o ônibus e tinha que pagar moto taxi pra voltar para aldeia. É muito difícil deixar meu filhos na aldeia com minha irmã, nem sempre vejo eles no final de semana, nem todo fim de semana a gente vai na aldeia visitar meus filhos, não tenho condições financeira de visitá-la todo fim de semana, é muito ruim ficar distante dos meus filhos, é ruim não poder acompanhar o crescimento deles. Mas estou estudando na faculdade para um futuro melhor para eles, espero que meus filhos compreendam isso no futuro. A minha mãe cuidava do meu sobrinho filho do meu irmão, quando ela faleceu tive que assumir a responsabilidade de poder cuidar do meu sobrinho, várias vezes levei meu sobrinho para sala de aula, muitas vezes levava ele doente com febre para não perder aula. Quando saí da sala de aula os professores não compreendiam por que eu saia, por mais que eu falava não compreendiam o meu lado, era muito difícil. Reprovi em uma disciplina por conta de professor não compreender o meu lado, alguns professor ajuda nos alguns não (Isaura Kredi Xerente 04/06/2024).

É notório o quanto as mulheres indígenas Xerente são desafiadas durante a vida acadêmica, pois a maioria são responsáveis pela família, já são mães e casadas, e estão rodeadas de vários obstáculos que impedem uma dedicação devida aos estudos acadêmicos. Na maioria das vezes, correm o risco de até mesmo serem jubiladas devido aos obstáculos enfrentados durante os estudos. Igeni Krattudi Calixto Xerente, estudante de Serviço Social e moradora da aldeia Aldeinha Kâwahã, compartilhou sua experiência:

Quando eu entrei na faculdade os alunos não indígenas foram bem acolhidos, e nós, indígenas que entramos juntos com eles no mesmo período, não tivemos um bom acolhimento na UFT, até os professores estranharam, porque nós indígenas não fomos bem recebidos igual os não indígenas. Eu não tinha observado isso, pra mim era normal. Quando eu entrei na faculdade era muito difícil pra mim, porque meu filho tinha 4 anos de idade, eu tinha que acordar cedo para arrumar meu filho pra levar pra escola e o outro deixava com a minha mãe. Quando a gente é casado e tem filho é muito ruim de a gente seguir em frente nos estudos, porque a gente fica preocupada de deixar os filhos com outras pessoas, por mais que seja avó a gente ainda se preocupa, a gente se preocupa muito em cuidar da casa e dos filhos. No

meu primeiro semestre foi muito ruim, pois meus filhos eram pequenos e eu me preocupava muito, pensei várias vezes em desistir, mas minha mãe, minha sogra e meu marido me ajudaram, incentivando para que eu não parasse de estudar, com os incentivos recebidos da minha família eu me animava a dar continuidade nos estudos. É muito pesado quando a gente entra na faculdade casada e com filhos porque a gente tem que dividir as tarefas dos trabalhos acadêmicos e serviço de casa. Hoje moro em Tocantínia por causa dos meus estudos para ter um futuro melhor para os meus filhos (Ilgeni Krattudi Calixto Xerente, 05/06/2024).

Diante disto, conforme os relatos é possível compreender, que os alunos que passam na universidade vivenciam condições nada fáceis para dar seguimento nos estudos, devido os problemas que afetam a cada uma delas. É possível notar que a maioria dos acadêmicos tem um amparo e apoio familiar, na qual vem fortalecendo os estudos, diante disso percebe-se que são tantos os desafios impostos pelo caminho, pois envolve os filhos, esposas sogras e mães; onde as mulheres indígenas acabam na maioria das vezes desistido dos estudos acadêmicos por não ter apoio familiar ou institucional para um ambiente acadêmicos adequado, não se deve esquecer dos desafios enfrentados dentro da sala de aula, que na maioria das vezes nos deparamos com a realidade totalmente diferente da nossa. A partir do momento em que entramos na universidade logo vivemos um impacto grande, pois adentrar no ambiente institucional distante da nossa realidade, dos nossos costumes, da nossa tradição faz com que inúmeras limitações sejam vividas.

É possível notar que dentro da sala de aula os desafios são maiores ainda, por depararmos com uma realidade totalmente diferente da Etnia Xerente, logo que por vezes somos vistos com estereótipos, olhares preconceituosos, inferiorizados, menosprezados, considerando que somos incapazes de compreender a língua portuguesa e a linguagem acadêmica. Diante disso, a experiência da acadêmica Lariene Smikadi Xerente da aldeia Ktêpo mostra o seu relato de vivência:

Um dos maiores desafios foi a chegada, chegar em um lugar desconhecido não é tão simples assim, acredito que sempre bate aquele medo do desconhecido, o acolhimento na época também era fraco, quando ingressei eu era a única mulher indígena da minha turma, e tinha 2 colegas homens Akwê, então quando soube me senti melhor, mas infelizmente eles desistiram ou trancaram o curso, não sei bem ao certo. Sobre a aceitação ou inserção dos colegas em grupos de trabalhos eram resistentes, como é óbvio né tem aquelas famosas panelinhas até na Universidade, a maioria dos acadêmicos não indígenas eram/são seletivos, muitos nos olham com inferioridade...foi um pouco difícil, mas eu nunca me deixei abater por isso, por várias vezes pensei em desistir, por que não era só esse meu desafio, tinha também a questão da balsa, na volta da Universidade para casa, devido ao meu curso ser noturno, era mais desafiador, algumas vezes cheguei em casa era quase 1:00 hora da manhã, o cansaço tomava de conta. (Lariene Smikadi Xerente 09/06/2024).

Com este relato é possível afirmar que o mais difícil é a chegada, trazer a sensação que estava em outro mundo, há o medo de procurar informações, tirar dúvidas, há o sentimento de

exclusão do ambiente e comunidade, particularmente pude vivenciar e sentir na pele o quanto somos vistos como incapazes, incompreendidos, onde nos faz sentir mais tímidos ainda, por não conseguir encarar a realidade acadêmica que estamos inseridos. Fato que nos leva a um grande desafio, dar seguimento nos estudos ou desistir pelo caminho; nesse sentido é preciso desafiar a si mesmo a fim de perder a timidez, a procurar adaptação a esta realidade da Universidade Federal, toda a experiência vivida serve de inspiração e reforça a continuidade para quebrar barreiras e obstáculos durante os estudos.

Toda essa trajetória, que sirva de reflexão para os acadêmicos, indígenas e não indígenas principalmente para as pessoas que moram na zona rural, durante todos os desafios enfrentados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada dentro do território Xerente, sobre a divisão do Povo xerente com Xavante, sobre a organização social dos xerente que foi narrado pelo Ancião da Aldeia considerados como biblioteca viva devido à idade avançada e por conter uma vasta experiência de vida dentro da Aldeia. O trabalho buscou documentar e registrar o depoimento de anciões como fonte de informações sobre as lutas e resistências que nosso povo Akwe xerente vem enfrentando.

O trabalho visa apresentar o processo de desenvolvimento e evolução da comunidade indígena no âmbito tecnológico na qual foi implantada através da contaminação dos vírus da Covid-19 que estava se alastrando no Brasil e no mundo. A tecnologia se adentrou dentro do território xerente através da necessidade dos Estudantes indígena no Campus universitários de Miracema, realidade é essa vivenciada juntamente com a comunidade indígena xerente, não só dos Estudantes universitários, mas sim de todos os alunos da rede estadual e municipal existente dentro do território indígena.

A implantação da tecnologia deu início dentro do território indígena em 1992 com a implantação do rádio amador, em 2020 com a implantação de tecnologias digitais bem como TV celular e notebook para proporcionar os estudantes umas informações Claras e se manter conectado no mundo virtual não só estudantes indígenas, mas também a comunidade em geral em diferente localidade das aldeias, para dar mais informações referente à contaminação do vírus que estava afetando a comunidade indígena.

Conforme a pesquisa realizada chegamos à conclusão de que a tecnologia digital se tornou importante na vida na vida pessoal e social do povo xerente, pois ele proporciona um desenvolvimento e entretenimento no mundo virtual dando a maior visibilidade a comunidade indígena Xerente.

Atualmente a tecnologia adentrou na comunidade indígena proporcionando à comunidade uma informação interna e externa na qual é possível através dos aparelhos de celular registrar os momentos marcantes dentro e fora do território xerente. A tecnologia digital trouxe um benefício para a comunidade, através das mídias sociais é possível divulgar as mercadorias produzidas pelos Xerente, bem como fotos e vídeos tanto na região interna como externa. A implantação da tecnologia é um grande avanço para a comunidade indígena ela proporciona uma fonte de geração de renda para comunidades indígenas, principalmente para famílias de vulnerabilidade social através da divulgação de seus trabalhos artesanais.

Os desafios enfrentados pelos acadêmicos indígenas do povo aqui discutido durante a

pandemia da Covid-19 destacam a necessidade urgente de políticas públicas que contemplem a inclusão digital e o suporte específico para estudantes do povo Akwe. A pandemia evidenciou que as universidades, como a UFT, não estavam totalmente preparadas para a transição abrupta para o ensino remoto, o que gerou dificuldades significativas para os alunos indígenas que dependiam de tecnologia e conexão de qualidade. Mesmo com a oferta de auxílios financeiros, como para a compra de notebooks e acesso à internet, esses recursos não foram suficientes para atender às demandas específicas dos estudantes que residem em áreas de difícil acesso e com infraestrutura precária.

Conclui-se afirmando que a experiência durante a pandemia revelou a capacidade de resistência dos acadêmicos indígenas, que buscaram alternativas como o uso de espaços comunitários e o compartilhamento de equipamentos. No entanto, esses esforços individuais e comunitários não substituem a necessidade de uma estrutura mais sólida e inclusiva por parte das instituições de ensino. Reafirma-se, portanto, que é fundamental repensar o papel das universidades na garantia de equidade no acesso e na permanência de estudantes indígenas, com a implementação de políticas mais eficazes e adaptadas às realidades desses povos para minimizar as desigualdades educacionais e fortalecer a inclusão social e digital.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRE, José Martins Pereira. Annaes da província de Goyaz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 27 (parte 2), p. 5-186, tomo 28 (parte 2), p. 5-168, 1864-1865.
- AQUINO, Mirian, DIAS, Lia R. Casa Brasil: um modelo para reduzir a exclusão. **A Rede: tecnologia para a inclusão social**, ano 1, n.1, p.9-13. 2005.
- BARRETO. Marcelo Menna. **Indígenas seguem abrindo espaço na educação superior do país**. 14 de abril de 2022. Disponível em <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2022/04/apesar-de-retrocessos-indigenas-seguem-abrindo-espaco-na-educacao-superior/>.
- COSTA, Leonardo. Inclusão digital é uma alternativa para o social? Análise de projetos realizados em Salvador. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA APLICADA, ECONOMIA POLÍTICA DE INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5., 9-11, nov. 2005. Bahia: Anais ... Salvador: Faculdade da Bahia, 2005. 1 C-ROM.
- COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya**. Paris: A. Lahure, 1897.
- FARIAS, Agenor. Notícia histórica sobre os Akwen-Xerente. **Boletim do MPEG**, v. 10, n. 1, p. 21-41, 1994. (Série Antropologia).
- FERREIRA, Leontina. **Akwe-Xerente: caminhos da (re) organização indígena**. 1995. Dissertação (Mestrado) – UFPB, João Pessoa, 1995.
- FUNDAÇÃO Nacional do Índio (FUNAI). http://www.funai.gov.br/terra_indigena_2/mapa/index.php?cod_ti=15301
- GOMES, C. A. & Darcy R. (2010) **Recife: Fundação Joaquim Nabuco**, Editora Massangana.
- IBGE. **Demográfico, Censo**. (2010). Fundação IBGE. Censo demográfico
- LEMONS, Vinicius. **A luta dos universitários indígenas para não desistir das aulas em ensino remoto nas aldeias durante a pandemia**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/56089308>
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MOTTA, Diana Garcia da. **Relatório de viagem à área Xerente (Pis Xerente, Funil, Rio do Sono)**. Brasília, 10/7/1980 (Processo Funai/BSB/2297/80, Documentação Funai/ DEID), 1980.
- NERI, Marcelo Cortes. **Mapa da exclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003.
- NOGUEIRA, Camila e ANTÔNIO, Ronaldo. **Estudante indígena fala sobre dificuldades vivenciadas por seu povo durante a pandemia de covid-19**. Uni Araguaia, 14/12/2021.

Disponível em <https://www.araguaiaonline.com/estudante-indigena-fala-sobre-dificuldades-vivenciadas-por-seu-povo-durante-a-pandemia-de-covid-19/>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). (2020). **Coronavírus (Covid-19):** Eventos importantes na pandemia de Covid-19. *Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.who.int>* por Kaio Costa/Governo do Tocantins publicado: 19/04/2023 21:16:00 - atualizado: 20/04/2023 13:22:16. Re-experimentando a Resistência: a covid-19 entre os indígenas. A experiência de enfrentamento do Covid-19, entre os povos indígenas Apinajé, Tapirapé, Kraho e Xerente. Transmitido ao vivo em 10 de set. de 2020. UFG Oficial. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j2KTmX4pVBw>.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, INL, 1951, 2ª parte.

REIS, G. R. (2018) **A utilização do uso de evidências científicas como política pública para a otimização na disponibilidade de vagas em UTI no Tocantins.**

REIS, G. R., & Medeiros, A. L. (2021) Economic Factors and Quality Indicators in Intensive Care Unit: A Systematic Review. **Australian Journal of Basic and Applied Sciences**, 15(7): 1-6.

SCHROEDER, Ivo. **Política e parentesco nos Xerente**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, R. P.; & Grácio, H. R. (2020). O modelo de desenvolvimento do Tocantins e o povo Akwê-Xerente: impactos socioambientais e desafios da interculturalidade. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, 13(2), 131-144. www.uft.edu.br/proest | proest@uft.edu.br/dae@uft.edu.br edital n° 038/2020 – resultado final – Inclusão Digital para Indígena e Quilombola.